45 Anos

1981 - 2026

SBOC

SOCIEDADE
BRASILEIRA
DE ONCOLOGIA
CLÍNICA

Construindo a
Oncologia Clínica no Brasil


SBOC
SOCIEDADE
BRASILEIRA
DE ONCOLOGIA
CLÍNICA

Equipe de produção editorial

Coordenação editorial e pesquisa
Fred Hila

Texto
Thalita Oliveira
Fred Hila
Mauro Tracco

Projeto Gráfico e Edição de Arte
Thalita Oliveira

Revisão
Fred Hila
Thalita Oliveira

Capa
Grano Studio

Crédito das Imagens
Acervo SBOC
Acervo Projeto História do Câncer
(COC/Fiocruz – INCA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica : SBOC 45 anos : construindo a oncologia clínica no Brasil / [editor Fred Hila, projeto gráfico e edição de arte Thalita Oliveira]. -- São Paulo : Ed. dos Autores, 2026.

ISBN 978-65-02-41957-1

1. Medicina e saúde 2. Oncologia - História 3. Pesquisa científica 4. Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica - História I. Hila, Fred. II. Oliveira, Thalita.

26-402984.0 CDD-616.992

Índices para catálogo sistemático:

1. Oncologia : Medicina 616.992

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB - SP-010133/O

CARTA DOS PRESIDENTES

Contar os 45 anos da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) é também contar a história da oncologia clínica no Brasil. Quando a SBOC foi fundada, em 1981, a especialidade ainda se consolidava. A quimioterapia começava a transformar o prognóstico de alguns tumores, havia poucos profissionais dedicados à área e oportunidades limitadas de formação. Nas décadas seguintes, vieram novas estratégias terapêuticas, da hormonioterapia à medicina de precisão, transformando o conhecimento sobre o câncer e as possibilidades de tratamento.

A SBOC acompanhou e participou dessa evolução. Seus associados contribuíram para a formação de especialistas, a criação de serviços, o desenvolvimento da pesquisa clínica e a disseminação do conhecimento científico. Congressos, cursos e diretrizes fortaleceram essa trajetória, que teve entre seus marcos o reconhecimento formal da oncologia clínica como especialidade médica, em 2017.

Este livro revela que a construção de uma instituição não se resume a datas e conquistas. Suas páginas reúnem histórias, desafios e decisões de profissionais que dedicaram parte de suas vidas a um projeto coletivo. São registros de uma Sociedade que cresceu junto com a especialidade que representa.

Hoje, recebemos a contribuição dessas gerações em um momento de novas transformações. Inteligência artificial, tecnologias diagnósticas e tratamentos personalizados ampliam horizontes, enquanto persistem desafios relacionados à formação, à qualidade assistencial e ao acesso aos avanços científicos.

Relembrar essa trajetória é reconhecer o passado, compreendendo que preservar a memória enriquece o futuro. A história da SBOC foi escrita por muitas mãos. Escrever as próximas páginas será uma das formas mais importantes de honrar o legado que este livro celebra.

Angélica Nogueira Clarissa Baldotto Fábio Franke

SBOC

SBOC

INTRODUÇÃO

A Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC), que comemora 45 anos de história, é hoje a entidade com maior representatividade na oncologia brasileira. Reunindo cerca de 4 mil especialistas da área, atua como protagonista na defesa profissional da classe e na viabilização de acesso à informação e tratamentos eficazes para a população junto às instituições públicas e privadas.

Desde sua fundação, realiza encontros que discutem os temas mais avançados da oncologia mundial. Promove o Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, considerado o mais relevante e abrangente evento de oncologia clínica no Brasil. Suas edições reúnem milhares de participantes, incluindo especialistas de diversos países e grandes nomes da pesquisa nacional e internacional.

Hoje a SBOC atua com plenitude em seus propósitos institucionais de fomentar o desenvolvimento científico e profissional de seus associados, bem como da especialidade, conforme preconizado em seu primeiro estatuto de 1981, data de sua fundação oficial. Mas sua história teve início 18 anos antes. A semente que gerou a SBOC foi lançada em 1963, quando profissionais pioneiros de diferentes instituições de saúde do país se reuniram em Belo Horizonte para debater um assunto que ainda era pouco conhecido no Brasil – os avanços da medicina para o tratamento eficaz do câncer pelo uso de medicamentos.

O encontro originou a primeira sociedade oncológica brasileira dedicada especificamente ao tratamento medicamentoso. Surgia então a Sociedade Brasileira de Quimioterapia Antineoplásica (SBQA), considerada a predecessora da SBOC. Esse seleto grupo de profissionais já vinha tratando pacientes há anos, desenvolvendo pesquisas, promovendo e frequentando congressos científicos realizados no Brasil e no mundo sobre o câncer, que ainda eram raros e pouco difundidos. Nesse contexto, a oncologia ainda estava distante de ser considerada uma especialidade da medicina.

A SBQA teve uma existência profícua, realizou diversos encontros entre médicos e pesquisadores, contando com a participação de figuras internacionais de vanguarda e reunindo centenas de profissionais. A instituição foi responsável por criar um ambiente de compartilhamento de informações, trocas de experiência e difusão do conhecimento científico no Brasil, estabelecendo as condições que fizeram surgir um sentimento de classe compartilhado entre os cancerologistas. Ademais, a entidade foi pioneira na comunicação com a sociedade, aproximando-se da imprensa para divulgar a doença e suas possibilidades de prevenção e tratamento à população.

Nos anos 1960 e 1970, a descoberta de novos tratamentos, aliada ao crescimento econômico e urbano do Brasil, proporcionou o desenvolvimento da cancerologia, integrando profissionais da quimioterapia, radioterapia e cirurgia. Descobertas científicas surgiram e a especialidade evoluiu, gerando avanços no conhecimento e a criação de novos termos no vocabulário médico. Nesse contexto de inovação, durante congresso realizado pela sociedade em 1979 em Porto Alegre, seus associados decidiram reformular a SBQA, criando uma associação mais moderna, sucessora desta.

Em 1981, após dois anos de elaboração e planejamento, foi oficialmente fundada a SBOC. Sua criação ocorreu durante o congresso nacional realizado em Belo Horizonte, com a aprovação do estatuto da instituição e a eleição da primeira diretoria.

Criada com o propósito de ampliar o diagnóstico e tratamento das diferentes neoplasias sob um olhar sistematizado, aproximar profissionais e gerar ambiente de compartilhamento de conhecimento e boas práticas, a SBOC passou a atuar em diversas frentes, como na organização de congressos e eventos científicos, incentivo à pesquisa, políticas de saúde, defesa profissional e relações nacionais e internacionais.

A sociedade historicamente vem desempenhando papel fundamental no desenvolvimento da especialidade e, há 45 anos, a prática da oncologia clínica no país passa pela SBOC. Nas próximas páginas relembraremos um pouco desta trajetória de conquistas e evolução da oncologia, com foco na atuação da principal instituição brasileira representativa da classe no país.

SUMÁRIO

1 Origens [1963-1981] 9

2 Início [1981-1995] 33

3 Expansão [1995-2015] 57

4 Plenitude [2015-2026] 81

5 Linha do tempo 107


1
2
3
4
5

Origens
[1963-1981]

Um velho conhecido da humanidade

A oncologia pode ser considerada uma especialidade recente da medicina. Surgiu na virada do século XIX para o XX como "cancerologia" e ganhou força somente a partir dos anos 1950. Porém, muito antes da humanidade compreender o que eram células, genes ou mutações, o câncer já caminhava silenciosamente ao seu lado.

O papiro egípcio catalogado por Edwin Smith, o mais antigo tratado médico conhecido, traz ensinamentos atribuídos ao polímata Imhotep com a descrição detalhada de 48 doenças. A quadragésima quinta da lista relata o caso de uma mulher com *massas protuberantes no seio*. Segundo o texto, escrito por volta de 3.000 a.C., essas massas eram *frias, duras e tão densas quanto um fruto verde*. Para muitos especialistas, esse é o primeiro registro de câncer da história.

Mais de dois mil anos depois, na Grécia, Hipócrates observou tumores cercados por vasos sanguíneos inchados e enxergou neles uma semelhança com as patas de um caranguejo. Foi assim que surgiu o termo *karkinos* (caranguejo em grego), origem da palavra que até hoje usamos para designar a enfermidade.

Apesar da doença, batizada pelo próprio Pai da Medicina, acompanhar a humanidade desde a Antiguidade, ela permaneceu durante séculos envolta em mistério. Foi apenas no século XIX que a visão sobre a doença começou a mudar.

A invenção de microscópios mais potentes e o desenvolvimento dos estudos sobre as células abriram uma nova janela para o interior do corpo humano. Tornou-se evidente que o câncer não era um desequilíbrio geral do organismo, como muitos acreditavam, mas um problema local, baseado em uma lesão tissular. O câncer passava a ser encarado como um processo patológico degenerativo de um órgão específico, que poderia posteriormente se transformar em algo sistêmico. Essa descoberta revolucionou a maneira de enfrentar a doença.

Já que a moléstia tinha uma origem identificável, o tratamento focou em eliminá-la e não mais tentar restaurar a vitalidade de um organismo debilitado. Impulsionada pelos avanços da anestesia e das técnicas de assepsia, a cirurgia de extirpação radical dos tumores tornou-se a principal estratégia contra o câncer.

No entanto, sua eficácia era baixa. Poucas cirurgias eram bem-sucedidas e, na melhor das hipóteses, apenas proporcionavam uma sobrevida ao doente. Já os medicamentos então existentes eram ainda menos eficientes, usados em sua maioria como paliativos.

Apesar dos avanços científicos do século XX, o câncer continuou sendo visto pela sociedade em geral como um mal misterioso, de extrema severidade, até mesmo impronunciável. Era comum referir-se à moléstia como “aquela doença” ou a “doença do ‘C’”, expressões que demonstram o estigma, o medo e o tabu ligados à enfermidade, então vista como incurável.

Aos poucos a percepção sobre o câncer começou a mudar, principalmente nos países do hemisfério norte. Com o envelhecimento da população, decorrente da diminuição das epidemias e da mortalidade por doenças infecciosas, os casos de câncer aumentaram. De raro e excepcional, passou a ser registrado em proporções relevantes.

Nesse contexto, a comunidade médica se mobilizou para organizar centros de pesquisa sobre a doença e trocar informações. Um marco pioneiro neste esforço ocorreu em 1906, em Paris, onde foi realizada a primeira Conferência Internacional Contra o Câncer, inaugurando uma era de colaboração global que aceleraria a circulação de conhecimentos e descobertas.



Cartaz do Ministério da Educação e Saúde (MES) e do Departamento Nacional de Saúde (DNS) destacando o Serviço Nacional de Câncer e a importância do diagnóstico precoce nos anos 1940.

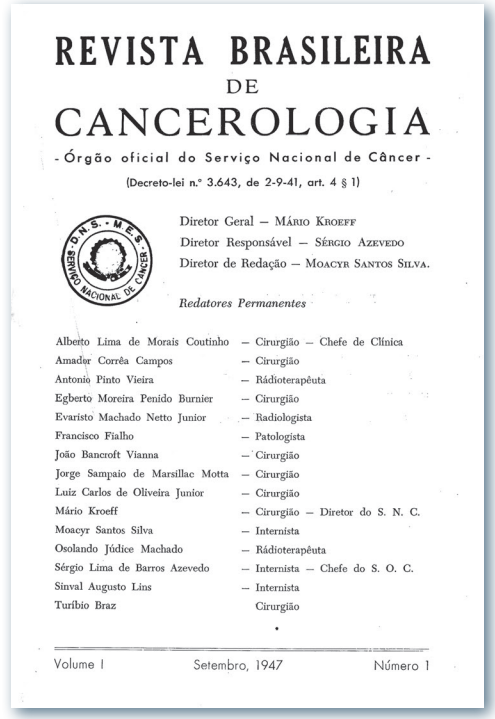
Evolução do conhecimento sobre o câncer no Brasil

Os primeiros estudos sobre tumores no Brasil foram feitos nas escolas de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, criadas após a vinda da corte portuguesa ao país. O câncer despertava o interesse de estudantes e pesquisadores: teses e observações clínicas datam deste período, demonstrando que a doença já ocupava espaço nas discussões científicas brasileiras.

Apesar do entusiasmo pelo assunto, a intervenção cirúrgica permanecia como a única alternativa terapêutica. O *Formulário e Guia Médico de Chernoviz*, manual popular no Brasil do final do século XIX, fazia a seguinte consideração: *O único tratamento racional do câncer confirmado é a ablação ou a destruição do tumor. Extrai-se com bisturi, destrói-se pela cauterização. Os cancros das vísceras não podem ser atingidos por instrumentos cortantes nem por substâncias cáusticas. Nesses casos restam só os meios paliativos, que têm por fim acalmar as dores*.

Os progressos da cirurgia nessa época, como anestesia, assepsia e instrumentação, possibilitaram as primeiras bem-sucedidas remoções radicais de tumores, como as histerectomias e mastectomias totais, que passaram a ser procedimentos padrões em casos de cânceres de colo do útero e de mama.

Porém, o câncer, em grande parte dos casos, passava longe do saber e da prática médica. Muitos dos acometidos pela doença – chamados de “cancerosos”, no jargão da época – não tinham acesso aos escassos serviços de saúde existentes, colocando-se nas mãos dos mais variados tipos de tratamentos populares sem bases científicas.



REVISTA BRASILEIRA
DE
CANCEROLOGIA
- Órgão oficial do Serviço Nacional de Câncer -
(Decreto-lei n.º 3.643, de 2-9-41, art. 4 § 1)

D.N.S. - M.E.S. SERVIÇO NACIONAL DE CANCER

Diretor Geral — Mário Kroeff
Diretor Responsável — Sérgio Azevedo
Diretor de Redação — Moacyr Santos Silva.

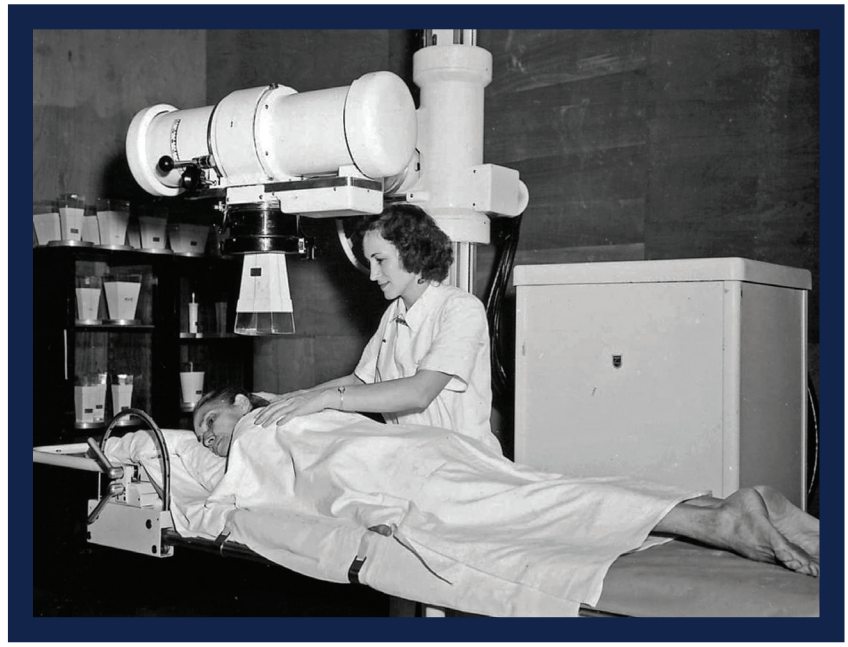
Redatores Permanentes

Alberto Lima de Morais Coutinho — Cirurgião — Chefe de Clínica
Amader Corrêa Campos — Cirurgião
Antonio Pinto Vieira — Rádioterapêuta
Egberto Moreira Penido Burnier — Cirurgião
Evaristo Machado Netto Junior — Radiologista
Francisco Fialho — Patologista
João Bancroft Vianna — Cirurgião
Jorge Sampaio de Marsillac Motta — Cirurgião
Luiz Carlos de Oliveira Junior — Cirurgião
Mário Kroeff — Cirurgião — Diretor do S. N. C.
Moacyr Santos Silva — Internista
Osolando Júdice Machado — Rádioterapêuta
Sérgio Lima de Barros Azevedo — Internista — Chefe do S. O. C.
Sinval Augusto Lins — Internista
Turíbio Braz — Cirurgião

Volume I — Setembro, 1947 — Número 1

Primeira edição da Revista Brasileira de Cancerologia (RBC) de setembro de 1947, com nomes de alguns dos pioneiros da oncologia brasileira.

A desinformação sobre a doença era geral, o que dava oportunidade à criação de superstições. Alguns mitos afirmavam que era fruto de punição divina, de problemas emocionais, atitudes negativas e até mesmo ser uma enfermidade contagiosa, estigmatizando negativamente o "canceroso". O combate a este tipo de conteúdo falso sempre foi uma prerrogativa dos profissionais da saúde e das primeiras instituições e associações de oncologia no Brasil.



Seção de Radioterapia do INCA no Rio de Janeiro com destaque para o equipamento de radioterapia profunda de 250 Kv, em 1957.

Neoplasia e tumor

Em meados do século XIX, com microscópios mais potentes, a medicina descobriu que o câncer surge do crescimento descontrolado de células. Para descrever essa nova formação de tecido, a comunidade científica uniu os termos gregos *neo* (novo) e *plasis* (formação) criando a palavra neoplasia. O termo é utilizado até hoje entre profissionais da saúde, entretanto é pouco conhecido pela população, que se refere comumente à esta formação como tumor, termo latino que significa inchaço ou tumefação.



Demonstração da técnica eletrocirúrgica por Mário Kroeff nos anos 1940.

Primeiras instituições de oncologia no Brasil

Nos primórdios da pesquisa científica sobre a doença, em contexto eurocêntrico, acreditava-se que o câncer era uma moléstia associada ao grau de civilização dos povos e, por isso, limitada às regiões ao norte do planeta.

No Brasil do início do século XX, a expectativa de vida média do brasileiro não chegava aos 45 anos e cerca de 75% da população vivia em zona rural, fatores que influenciavam na baixa incidência da doença. Porém, a partir dos anos 1930, devido ao processo de urbanização e industrialização, os casos de câncer tornaram-se mais presentes no país.

Foi nesse contexto que surgiu a primeira instituição brasileira dedicada exclusivamente ao tratamento e estudo da doença, o Centro de Cancerologia do Serviço de Assistência Hospitalar do então Distrito Federal (Rio de Janeiro), inaugurado em 1937.

O trabalho pioneiro do médico Mário Kroeff e sua equipe de profissionais do Centro de Cancerologia fez com que o recém-criado Ministério da Educação e Saúde, do governo de Getúlio Vargas, destinasse recursos para a criação do Serviço Nacional de Câncer em 1941, o primeiro órgão federal voltado à formulação de políticas públicas para o controle da doença.

O Centro de Cancerologia foi o principal interlocutor com o Serviço Nacional de Câncer, propondo ações concretas de enfrentamento da doença. Ampliou suas ações hospitalares e de tratamento ao paciente, tornando-se órgão responsável pela elaboração de políticas, pesquisa científica e educação em saúde. O centro evoluiu e transformou-se no Instituto Nacional de Câncer (INCA), em 1947. Até hoje é o principal órgão do Ministério da Saúde que coordena as ações de controle do câncer no Brasil e historicamente mantém relacionamento próximo com a SBOC em diversas frentes de atuação.

Outro marco histórico foi a criação da Sociedade Brasileira de Cancerologia (SBC), em 1946. Assim como o INCA, sua fundação representou um passo importante no reconhecimento da cancerologia como uma área de conhecimento em desenvolvimento, demonstrando a necessidade de reunir especialistas, estruturar uma sociedade científica e fomentar a pesquisa e a assistência voltadas ao câncer. A SBC desempenhou papel relevante na valorização da especialidade e na consolidação da cancerologia brasileira.

Fortalecimento da cancerologia no país

A partir da década de 1950, a cancerologia brasileira evoluiu rapidamente, e passou a atuar com mais relevância na elaboração de políticas de saúde pública. A classe médica conscientizava os governos e a sociedade em geral de que o câncer não deveria ser tratado apenas como um problema individual, mas como uma questão coletiva.

À medida que as mudanças demográficas aumentavam a relevância das doenças crônico-degenerativas, o câncer deixava de ser uma preocupação restrita aos consultórios e hospitais para ocupar lugar de destaque na agenda nacional de saúde.

Era o início da construção de uma comunidade médica e científica nacional voltada ao enfrentamento do câncer. A classe percebeu que era necessário criar uma estrutura profissional baseada na experiência prática e implantar uma cultura de produção e divulgação científica para enfrentar o aumento do número de casos. Nesse sentido, o INCA aplicou uma estratégia de atuação baseada em três pilares: pesquisa científica, formação de profissionais especializados e assistência aos pacientes. A partir de então, foi dado um grande impulso à formação de um ambiente profissional propício para o desenvolvimento da oncologia no país.



Cartaz do VI Congresso Internacional de Câncer realizado, em 1954.

Um importante marco ocorreu em 1954, quando o Brasil recebeu um dos maiores eventos científicos mundiais sobre cancerologia até então, o VI Congresso Internacional de Câncer, organizado pela *Union Internationale Contre le Cancer* (UICC), instituição pioneira fundada em 1933 em Genebra, na Suíça, com a missão de unir a comunidade oncológica, promover a equidade nos cuidados e reduzir o impacto global da doença.

A UICC, em parceria com instituições nacionais, reuniu cerca de mil participantes de 52 países no moderno Pavilhão das Indústrias (depois conhecido como Prédio da Bienal) no Parque Ibirapuera, recém-

-inaugurado, em São Paulo. O evento possibilitou aos médicos e cientistas brasileiros contato direto com as maiores autoridades da cancerologia de vanguarda da época. É considerado um marco da especialidade no país, onde nasceu o princípio de tratamento integral da enfermidade, aliando diferentes estratégias de combate e agrupando áreas até então distantes da medicina no tratamento ao câncer.



Visita do presidente Getúlio Vargas ao Centro de Cancerologia localizado no Rio de Janeira nos anos 1930, acompanhado de Mário Kroeff e Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde Pública.



Sessão de abertura do VI Congresso Internacional de Câncer, realizado no recém-inaugurado Pavilhão das Indústrias no Parque Ibirapuera em São Paulo, em 1954.

Novas terapias e diagnósticos

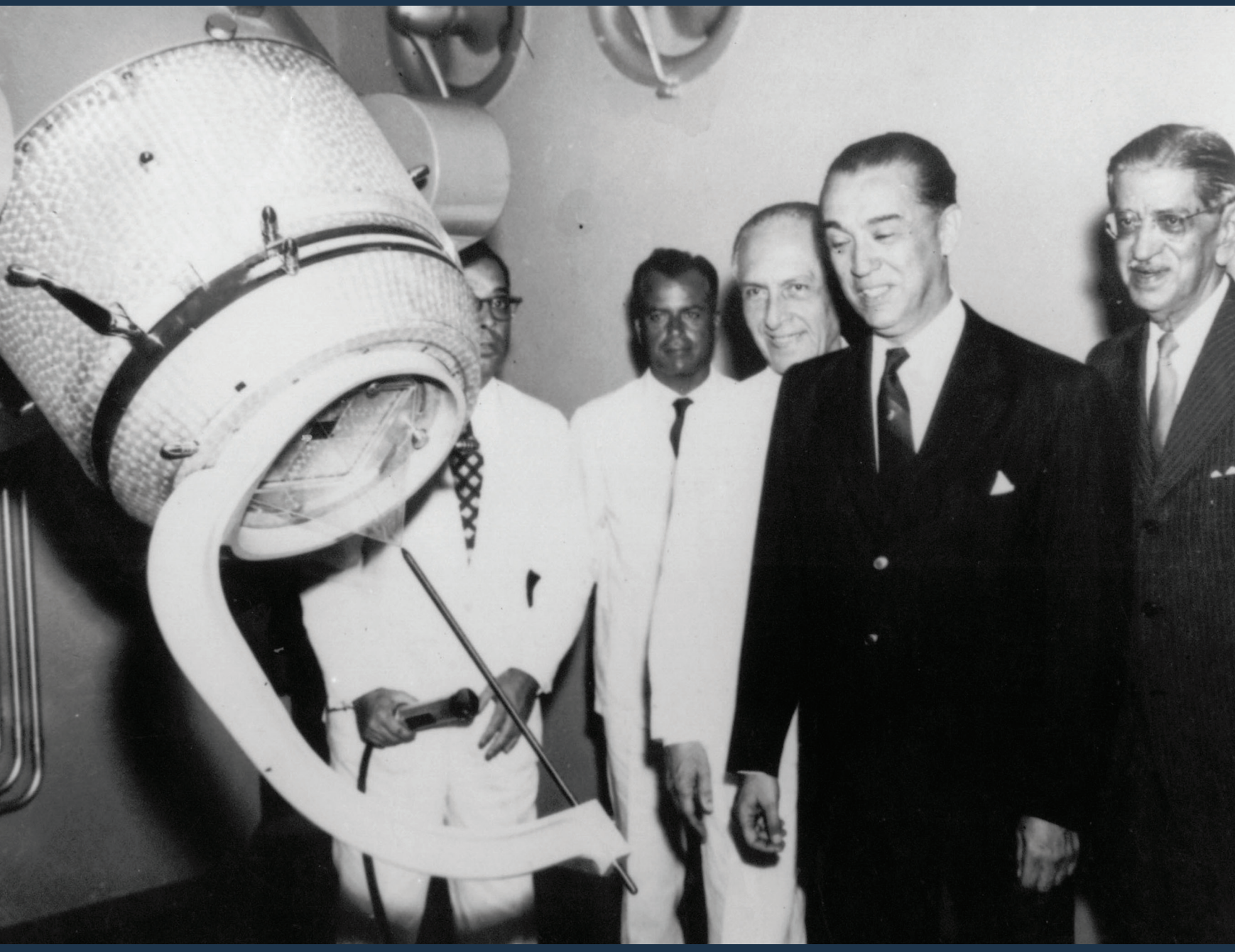
Os anos 1950 foram marcados pela efervescência da especialidade oncológica no mundo e no Brasil. Os tratamentos médicos tornavam-se cada vez mais eficazes. Laboratórios e centros de pesquisa desenvolveram tecnologias inéditas para enfrentar a doença.

A radioterapia teve significativos avanços de eficiência com o advento das bombas de cobalto e dos aceleradores lineares. Novos equipamentos foram criados para direcionar a radiação de forma mais assertiva, preservando os tecidos saudáveis ao redor do tumor. Na radiologia, a cintilografia, uma moderna técnica de utilização da radiação, possibilitou diagnósticos mais precisos de diversos tipos de tumores. Os medicamentos antineoplásicos, ou seja, drogas que combatem o crescimento de tumores, passaram a ser utilizados em grande escala no tratamento de linfomas e leucemias, e depois para diversos tipos de cânceres.

Nesse período se popularizou o termo “quimioterapia” em referência ao tratamento oncológico por meio da prescrição de drogas. A palavra tem origem no grego *khymeia*, que se refere à química ou à fusão de substâncias, e *therapeia*, que significa tratamento, cura ou ato de cuidar. Inicialmente, o termo foi utilizado na medicina nos anos 1910, quando laboratórios produziram substâncias químicas sintéticas pela primeira vez.

Avanços importantes na quimioterapia foram obtidos em um projeto militar desenvolvido pelos EUA durante a II Guerra Mundial, quando cientistas realizaram testes clínicos bem-sucedidos utilizando derivados do gás mostarda. Os resultados foram surpreendentes, as células de rápida divisão, como as da medula óssea e os glóbulos brancos, regrediram pela ação química. A partir dessa observação, os cientistas adaptaram compostos modificados do gás para tratar pacientes com linfoma avançado obtendo sucesso.

Terminada a guerra e o período de segredo militar destes estudos, o método da aplicação sistêmica de quimioterapia intravenosa com agentes alquilantes se espalhou pelo mundo, trazendo novas possibilidades e perspectivas de melhoria no tratamento à doença, em um momento embrionário da oncologia clínica como especialidade sistêmica.



Presidente Juscelino Kubitschek na inauguração da primeira bomba de cobalto do Brasil localizado no INCA, no Rio de Janeiro, em 1956.

Fundada a Soc. Brasileira de Quimioterapia Antineoplásica

Chegou ontem, a esta capital, o médico Jaime de Queiroz Lima, diretor-técnico da Clínica de Câncer do Recife que juntamente com o médico Luiz Tavares de Barros, representou Pernambuco no II Simpósio de Cancerologia, que realizou-se em Belo Horizonte, sendo na ocasião fundada a Sociedade Brasileira de Quimioterapia Antineoplásica.

Falando à reportagem do Diario, assim se expressou aquele facultativo: «A Sociedade Brasileira de Quimioterapia Antineoplásica que, dentre as suas finalidades, se destina a lutar pela inclusão da quimioterapia antineoplásica no «curriculum» universitário e controlar, em todo o país, o uso dos quimioterápicos. Na presidência da reunião que contou com a presença de todos os congressistas, esteve o prof. Clovis Salgado que, ao final, manifestou sua satisfação por ver concretizada aquela iniciativa.

A seu turno, o prof. Antônio Carlos Campos Junqueira, da representação de São Paulo, disse ao se empossar como primeiro presidente daquela entidade, de seu regozijo pela vitória daquela idéia e manifestou, em seguida o seu agradecimento por sua condução áquele posto.

DIRETORIA

Após a aprovação dos estatutos que salientam como finalidades da entidade além das acima referidas, a promoção e criação de cursos de quimioterapia e a promoção de novos congressos, foi eleita a primeira diretoria da Sociedade que está assim constituida: presidente: Antonio Carlos Campos Junqueira, de São Paulo; vice-presidentes: Moacir Santos Silva, da Guanabara e J. Caetano Cançado, de Minas; Secretários: Renato Capellano e Fernando Gentil ambos de São Paulo; Tesoureiros: Dino Bandeira de São Paulo e Silvio Cavalcanti, de Pernambuco.

O Conselho Consultivo da entidade está formado pelos srs. Clovis Salgado e Alberto Henrique Rocha, de Minas; Antônio Prudente e Alberto Coutinho, da Guanabara; Luiz Tavares de Barros e **Jaime Queiroz Lima, de Pernambuco;** Dalmo Carvalho Rodrigues e Walter Afonso de Carvalho, da Bahia; José Ramos e Eloi Parisi, como representantes de São Paulo.

TEMARIO

Em sequência aos debates da agenda organizada para o Simpósio, os congressistas apreciaram as questões relativas com o cancer na mama. Esse tema foi apresentado pelo prof. Lucas Machado e foram debatedores os srs. Antônio Carlos Campos Junqueira (Entrosamento terapeutico cirurgico); Goerges Arié (quimioterapia pré-operatória); Alberto Coutinho (casos avançados) e Osolando Machado que discorreu sôbre a roentgenterapia e cobaltoterapia.

ENCERRAMENTO

No ultimo dia do Simpósio, foi organizado o seguinte programa: ás 10 horas oitava mesa redonda quando foi debatido o tema «cancer avançado» e apresentadas as diversas comunicações. O tema foi defendido pelo prof. Henrique Melega, de São Paulo; ás 12 horas sessão de fundação da Sociedade Mineira de Cancerologia e ás 13 horas solene sessão de encerramento do congresso. Falaram, na oportunidade, os srs. Romeu Cançado, J. Ramos Junior e Moacir Santos Silva. Essas reuniões foram realizadas no anfiteatro da Faculdade de Medicina da UMG. Finalmente um almoço de congraçamento e despedida realizado na Colonia de Férias Sila Veloso.



No cliché, os componentes do Conselho Consultivo da Sociedade Brasileira de Quimioterapia Antineoplásica, cuja fundação foi efetuada em Belo Horizonte, durante o II Simpósio de Cancerologia, vendo-se da esquerda para a direita, os medicos, Walter Afonso de Carvalho, J. Caetano Cançado, Antonio Carlos Junqueira, Alberto Coutinho e o médico Jaime de Queiroz Lima, delegado de Pernambuco ao Congresso

Reportagem sobre a criação da SBQA publicada no Diário de Pernambuco em 01/08/1963.

Nasce a SBQA

Com tantos avanços, a comunidade médica brasileira se empenhou em viabilizar o acesso destas inovações para a população e criar um ambiente de difusão do conhecimento científico, formação profissional e regulação da prescrição de medicamentos quimioterápicos.

Nesse intuito, em 26 de julho de 1963, foi criada a Sociedade Brasileira de Quimioterapia Antineoplásica (SBQA), considerada a predecessora da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC).

A SBQA foi a primeira entidade médica do país voltada ao estudo e divulgação do tratamento clínico oncológico no Brasil com foco na quimioterapia. Surgiu da mobilização de 35 pioneiros da oncologia brasileira – 34 homens e uma mulher, a Prof. Maria Helena Rocha – durante o primeiro Simpósio Nacional de Quimioterapia Antineoplásica, que ocorreu junto ao II Simpósio de Cancerologia, realizado na sede da Associação Médica de Minas Gerais, no centro de Belo Horizonte.

Segundo o médico pernambucano Jaime de Queiroz Lima, um de seus fundadores, em entrevista concedida à imprensa, *a SBQA se destina a lutar pela inclusão da quimioterapia antineoplásica no currículo universitário e controlar em todo o país o uso de quimioterápicos. Dentre os objetivos da entidade estão a promoção e criação de cursos de quimioterapia e a promoção de novos congressos*.

O primeiro presidente da SBQA foi o paulista Antônio Carlos Campos Junqueira, e os vice-presidentes foram Moacir Santos Silva, do Rio de Janeiro, e José Caetano Cançado, de Minas Gerais. A diretoria incluía cancerologistas de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Bahia, e o conselho consultivo era composto de representantes de vários estados da União, atuantes em instituições de saúde, hospitais e faculdades de suas localidades.

Dadas as dificuldades de transporte e de comunicação em nosso país de dimensão continental nos anos 1960, a criação da SBQA foi uma realização importante, comemorada pela comunidade médica em todo o Brasil.

Conscientizando a população sobre o câncer

A criação da SBQA chamou a atenção da mídia brasileira. Em diferentes estados foram veiculadas matérias divulgando a sociedade e seus objetivos. A mensagem da entidade nessas reportagens foi informar ao grande público que *a quimioterapia do câncer deixou de ser encarada como paliativo, apenas nos casos adiantados, para transformar-se em complemento indispensável à cirurgia e à radioterapia, mesmo em casos iniciais, oferecendo as mais justificadas esperanças de cura no campo daquela doença*, como publicado no *Diário Carioca*, em 1963. Na mesma reportagem, os diretores da SBQA afirmavam que *estamos no firme propósito de iniciar uma nova fase na cura do câncer, convocando para isto todos os quimioterapeutas brasileiros para unirem-se neste empreendimento*.

Nos anos seguintes, a SBQA, sobretudo devido a divulgação de seus eventos, conseguiu ainda mais espaço na mídia. Seus presidentes e diretores passaram a ser referência aos jornalistas quando algum assunto ligado ao câncer virava pauta nacional. Com o trabalho de comunicação destes profissionais, o tema passou a ser cada vez mais comum na sociedade e abordado de maneira científica.

Dalmo de Carvalho, um dos fundadores e diretor da SBQA, alertava em 1965 sobre a urgência da *intensificação de campanha popular de esclarecimento e advertência para o primeiro passo a ser dado depois que os sintomas aparecem. Esse primeiro passo pode ser decisivo. O diagnóstico precoce é o caminho para a luta contra o câncer. Depois é a terapêutica orientada. Cirurgia, radiologia e quimioterapia, isoladas ou associadas, corretamente aplicadas, levarão à cura de grande percentagem de tumores malignos*.

José Caetano Cançado, um dos líderes na iniciativa da criação da sociedade, em reportagem publicada em 1977, enquanto presidente da SBQA, informava que *a maior arma de que se pode dispor para o combate ao câncer é o exame preventivo que o identifique a tempo de ser tratado na fase de sua manifestação inicial*.

O esforço em esclarecer a população sobre o câncer foi muito benéfico para a sociedade em geral, pois o estigma da doença fazia com que uma parte das pessoas acometidas recorressem somente a métodos supersticiosos e tratamentos não científicos.

Questão de saúde pública

O posicionamento de Antônio Prudente, um dos fundadores da SBQA e duas vezes diretor do Serviço Nacional de Câncer, reflete o pensamento dos cancerologistas brasileiros na década de 1960 acerca da necessidade de reconhecer o câncer como uma questão de saúde pública: *Muitos médicos ainda consideram os tumores malignos um problema individual de cada doente, confinado ao âmbito restrito dos consultórios e das enfermarias do Hospital. Há muitos anos que nos insurgimos contra essa concepção não só acanhada, como também errônea. O câncer é definitivamente um problema de saúde pública e, obviamente, como tal deve ser enfrentado.*

As políticas de tratamento sobre o câncer passaram por uma profunda reestruturação no Brasil, conforme as pesquisas e descobertas sobre a doença avançavam. A formação do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), em 1966, estimulou a instalação de núcleos de oncologia em vários estados, democratizando o acesso a exames, quimioterapia e radioterapia. A criação do Programa Nacional de Controle do Câncer em 1974 e a realização do Conclave Nacional de Cancerologia em 1977 expandiram centros especializados e estabeleceram protocolos de tratamento em nível nacional, nos quais a SBQA participou com destaque.

O próprio Dalmo de Carvalho, dentro do espírito de seu tempo, chegou a denunciar a atuação de agentes mal-intencionados, ou mesmo desinformados: *Em matéria de câncer, muitas vezes o doente só nos chega depois de passar pelas mãos da charlatanice e, então, poucas são as esperanças de cura. Quando o doente procura um centro científico ou mesmo consultório de um médico idôneo, já pagou o preço alto que a charlatanice cobra de suas vítimas. Isso dificulta tremendamente a possibilidade de cura*, afirmou o especialista.

Hoje em dia as informações sobre tratamento e prevenção do câncer são bem difundidas, mas nessa época poucos tinham acesso a este conhecimento. A difusão de informação à população foi a semente da mudança do conceito sobre o câncer na sociedade. Aos poucos, em um processo de conscientização, a enfermidade foi sendo desmistificada, passando a ser considerada como uma doença passível de prevenção e tratamento.

Eventos da SBQA

Em seus 16 anos de existência, desde sua criação em 1963 até 1979, a SBQA promoveu eventos em vários estados do Brasil, trazendo nomes de vanguarda da oncologia nacional e internacional, o que se tornou a marca característica da SBOC, sua sucessora.

Os eventos da SBQA passaram a ser cada vez mais frequentes, reunindo centenas de profissionais. Em 1964, realizou o 2º Simpósio Brasileiro de Quimioterapia Antineoplásica, em São Paulo, provando o potencial da entidade. A partir de então, organizou diversos seminários sobre oncologia, formando uma rede de compartilhamento e difusão do conhecimento oncológico.

O 3º Simpósio Brasileiro de Quimioterapia Antineoplásica, também realizado em São Paulo, em 1965, foi um evento ainda maior e mais relevante. Jornais de circulação nacional divulgaram o encontro: *Este certame, que congregará colegas de todo o país, especialistas no assunto ou interessados diretamente ligados a ele através de suas especialidades, contará também com a presença de cientistas das Américas do Sul e do Norte, cujo conhecimento e experiência certamente lhe emprestarão maior brilho e interesse. A programação científica, distribuída em Conferências, Mesas Redondas e Temas Livres, abrangerá os seguintes assuntos: Leucemias; Linfomas; Câncer do Pulmão; Aparelho Uro-Genital Masculino e Genital Feminino; Estômago; Quimioterapia e Cirurgia; Quimioterapia e Radioterapia; Perfusão e Infusão e Câncer Avançado*.

Nos anos seguintes, a SBQA patrocinou e ofereceu cursos ministrados por membros e especialistas no assunto voltados à formação de médicos, com destque ao câncer de pulmão, tema que ganhava cada vez mais importância à medida que se acumulavam evidências sobre os efeitos do tabagismo e das poluição entre as causas da doença.

No campo dos intercâmbios internacionais, a entidade recebeu, em 1967, o estadunidense John Ultmann, fundador do Centro de Pesquisas do Câncer da Universidade de Chicago, para uma série de eventos.

Pioneiro no tratamento de linfoma, Ultmann passou dias na capital pernambucana com a finalidade de *conhecer a referida Sociedade (SBQA) e, por certo, intro-*

duzir ideias novas ou levá-las a seu país, conforme noticiado na época.

Na segunda metade dos anos 1960, novos profissionais passaram a atuar na condução da SBQA, dando maior credibilidade e deixando-a ainda mais dinâmica e representativa. Segundo a ata de constituição da SBOC, *esse grupo manteve o tema Oncologia Clínica e vários outros assuntos em discussão dentro de todo o país*. Entre os médicos mencionados se encontram: Roberto de Cabral Ferreira; João Augusto Miranda Ferreira; Adair Ferraz; Helio de Oliveira Neves; Aluísio da Silveira; Jair Ribeiro; Aníbal Silviano Belo; Ivo Roesler e Alvimar Barbosa.

Em 1968, a cidade de Garanhuns, em Pernambuco, recebeu mais um grande evento promovido pela SBQA, o Congresso de Quimioterapia Antineoplásica, o maior realizado pela entidade. Durante vários dias, centenas de especialistas de diferentes regiões do país reuniram-se para compartilhar experiências, debater pesquisas e discutir os desafios do tratamento do câncer.



Simpósio de Quimioterapia Antineoplásica evento organizado pela SBQA em Garanhuns, Pernambuco, em 1968.

As conferências e mesas-redondas contaram com a participação de membros da SBQA de diversos estados, além de representantes do INCA, Moacir Santos Silva, e do Hospital A.C. Camargo, Fernando Gentil e David Erlich. Entre os temas debatidos estavam: *Quimioterapia e Cirurgia*, *Roentgeterapia e Quimioterapia*, *Leucemia e Linfomas*, *Antibióticos com Ação Antineoplásica* e *Enzimologia em Quimioterapia Antineoplásica*, conforme programação do evento.

Além do conhecimento científico, os profissionais também aproveitavam a ocasião para unir lazer à viagem e congregar com colegas, como podemos notar em aviso destinado aos associados meses antes da realização do congresso: *Tendo em vista a época da realização do evento, que coincide com a semana pré-carnavalesca, a diretoria da SBQA avisa aos congressistas que as reservas de hotel devem ser feitas com a devida antecedência, motivo pelo qual solicita o envio da ficha de inscrição, preenchida o mais breve possível. Os participantes devem, ainda, comunicar à diretoria, em tempo hábil, o dia de sua chegada, o meio de transporte utilizado, o tempo previsto de estada no Recife, se pretende permanecer durante o Carnaval e, em caso afirmativo, se deseja comparecer aos bailes dos clubes sociais, a fim de que sejam tomadas as necessárias providências*.

A inclusão de atividades festivas ao final dos eventos tornou-se uma característica que se mantém até os dias de hoje nos concorridos congressos nacionais da SBOC, que reúnem mais de 5 mil pessoas atualmente, como veremos.

De cancerologia a oncologia

A transição do termo “cancerologia” para “oncologia” ocorreu entre as décadas de 1970 e 1980 por meio de uma mudança cultural e científica, coincidindo com o período intenso de inovações no tratamento sistêmico do câncer. Derivada do grego, a palavra oncologia une os termos *onkos* (massa, tumor, volume) e *logia* (estudo).

Em defesa da pesquisa nacional

A pesquisa científica realizada no Brasil, muitas vezes com a participação de membros da SBQA, avançava a passos largos. O importante estudo sobre a enzima L-asparaginase, liderado pelo presidente da sociedade, Tavares de Barros, foi de grande destaque e repercussão internacional em 1965: *Nosso grupo da Clínica do Câncer do Recife, utilizando essa enzima obtida do soro de cutia, conseguiu pela primeira vez na história da luta contra os tumores malignos, resultados realmente surpreendentes*.

Em uma época em que a pesquisa oncológica, incluindo os registros de estudos clínicos, autoria e patentes, ainda era pouco sistematizada no mundo, um artigo publicado na revista *Time* deu crédito da pesquisa a uma instituição estadunidense levando Tavares de Barros a contestar a reportagem e defender a classe científica brasileira em nome da SBQA. Em entrevista, pediu o apoio da mídia: *A imprensa deve esclarecer que a prioridade da experimentação clínica com L-asparaginase, em pacientes humanos, pertence ao Brasil*. O presidente da SBQA ainda destacou que os resultados da pesquisa *não ficaram guardados sob sete chaves*. Os resultados foram relatados nos anais da Faculdade de Medicina da UFPE e até ganharam uma reportagem na revista *O Cruzeiro* e na televisão local, alegando não ser possível o desconhecimento por parte dos pesquisadores estrangeiros.



Fachada do prédio do INCA na praça Cruz Vermelha, no Rio de Janeiro, em 1957.

Tavares comparou os cancerologistas recifenses ao pai da aviação: *Lembrou o caso de Santos Dumont, considerado por nós o Pai da Aviação, mas só por nós e alguns homens idôneos de diferentes países*. Esse caso pode ser considerado uma das primeiras atuações de uma associação oncológica brasileira em defesa da pesquisa científica de seus associados.



Congresso Brasileiro de Quimioterapia Antineoplásica realizado em Porto Alegre, considerado o último organizado pela SBQA e o primeiro da SBOC, em 1979.

O legado da SBQA

Em 1977, a SBQA promoveu mais um Simpósio Brasileiro de Quimioterapia Antineoplásica, reunindo profissionais de todo o Brasil na cidade de Uberaba, no Triângulo Mineiro. Entre os participantes estava o gaúcho Cláudio Teloken, um dos pioneiros no cuidado do câncer de próstata no país. Nesse encontro, foram abordados os temas *Quimioterapia em Sarcomas de Partes Moles* e *Melanoma Maligno - Tratamento com Dacarbazine*, conforme divulgado.

O então presidente José Caetano Cançado em entrevista à imprensa divulgando o evento, conteve as euforias acerca da "cura" do câncer, afirmando com clareza que *embora a ciência ainda estivesse longe de encontrar uma fórmula para dizimar de modo integral o 'mal do século', o Brasil já havia alcançado um marcante progresso*

em suas pesquisas nesse campo, com muitos laboratórios dedicados exclusivamente ao estudo da cancerologia. E a realização de simpósios é muito importante para o estabelecimento dum entrosamento expressivo dos setores e científicos em busca de soluções para o problema.

Ao longo de sua existência, a SBQA ajudou a consolidar uma rede nacional de especialistas dedicados ao tratamento do câncer. Organizou congressos, promoveu intercâmbios internacionais, estimulou pesquisas e contribuiu para disseminar informações confiáveis sobre a doença. O alicerce estava pronto, sobre ele seria erguida uma nova sociedade médica que daria continuidade à sua jornada: a SBOC.



Confraternização após o Congresso Brasileiro de Quimioterapia Antineoplásica realizado em Porto Alegre, em 1979.

Avanços no tratamento de combate ao câncer

O avanço da quimioterapia antineoplásica nos anos 1970 foi bastante significativo para a cancerologia. Antes aplicada de maneira isolada a quimioterapia passou por uma revolução, tornando-se multifocal. Dentre algumas inovações desta década estão a quimioterapia adjuvante e combinada, a introdução do protocolo CMF, do tamoxifeno, da cisplatina, entre outros procedimentos.

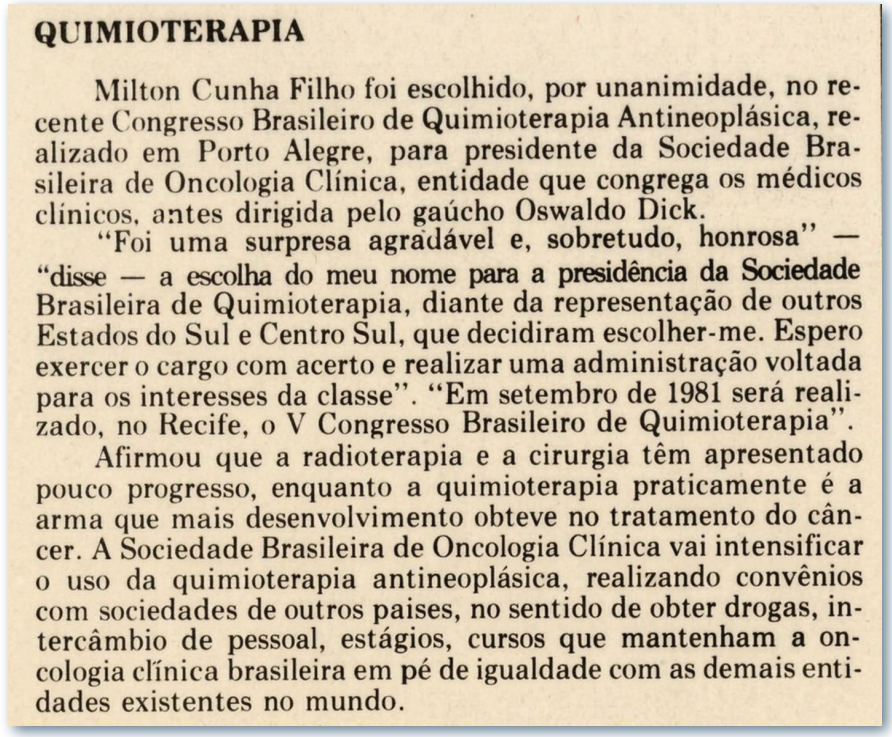
Em pouco tempo, o tratamento utilizando drogas quimioterápicas tornou-se relevante, em especial nos cânceres de mama e de testículos. Além disso, a evolução dos protocolos e os maiores controles de dosagem ajudaram a tornar o tratamento menos tóxico.

Os avanços também foram notados em outras áreas de atuação contra o câncer. A radiologia oncológica deixou de ser puramente analógica, baseada em chapas de raio-X comuns em duas dimensões, e entrou na era digital e tridimensional, melhorando radicalmente o diagnóstico e o tratamento.

A tomografia computadorizada e a ressonância magnética permitiram o planejamento tridimensional da radioterapia, que resultou em mais precisão no feixe de radiação, trazendo inúmeras vantagens no tratamento ao paciente.

Já a cirurgia oncológica passou a ser guiada pelo princípio da preservação de tecidos, em oposição à cirurgia mutiladora. O lema “grandes incisões para grandes problemas”, que explicitava a prática de extirpações massivas, deixou de ser a máxima dos cirurgiões, que passaram a priorizar a manutenção de margens de tecidos saudáveis e linfonodos ao redor da neoplasia.

As três áreas do tratamento do câncer – quimioterapia, radiologia e cirurgia – protagonizaram a maior integração multidisciplinar recente da história da medicina. A década de 1970 é considerada a “Era de Ouro” da transição para a oncologia moderna. Foi nesse período que o tratamento clínico do câncer começou a tomar forma de especialidade médica.



QUIMIOTERAPIA

Milton Cunha Filho foi escolhido, por unanimidade, no recente Congresso Brasileiro de Quimioterapia Antineoplásica, realizado em Porto Alegre, para presidente da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica, entidade que congrega os médicos clínicos, antes dirigida pelo gaúcho Oswaldo Dick.

"Foi uma surpresa agradável e, sobretudo, honrosa" — "disse — a escolha do meu nome para a presidência da Sociedade Brasileira de Quimioterapia, diante da representação de outros Estados do Sul e Centro Sul, que decidiram escolher-me. Espero exercer o cargo com acerto e realizar uma administração voltada para os interesses da classe". "Em setembro de 1981 será realizado, no Recife, o V Congresso Brasileiro de Quimioterapia".

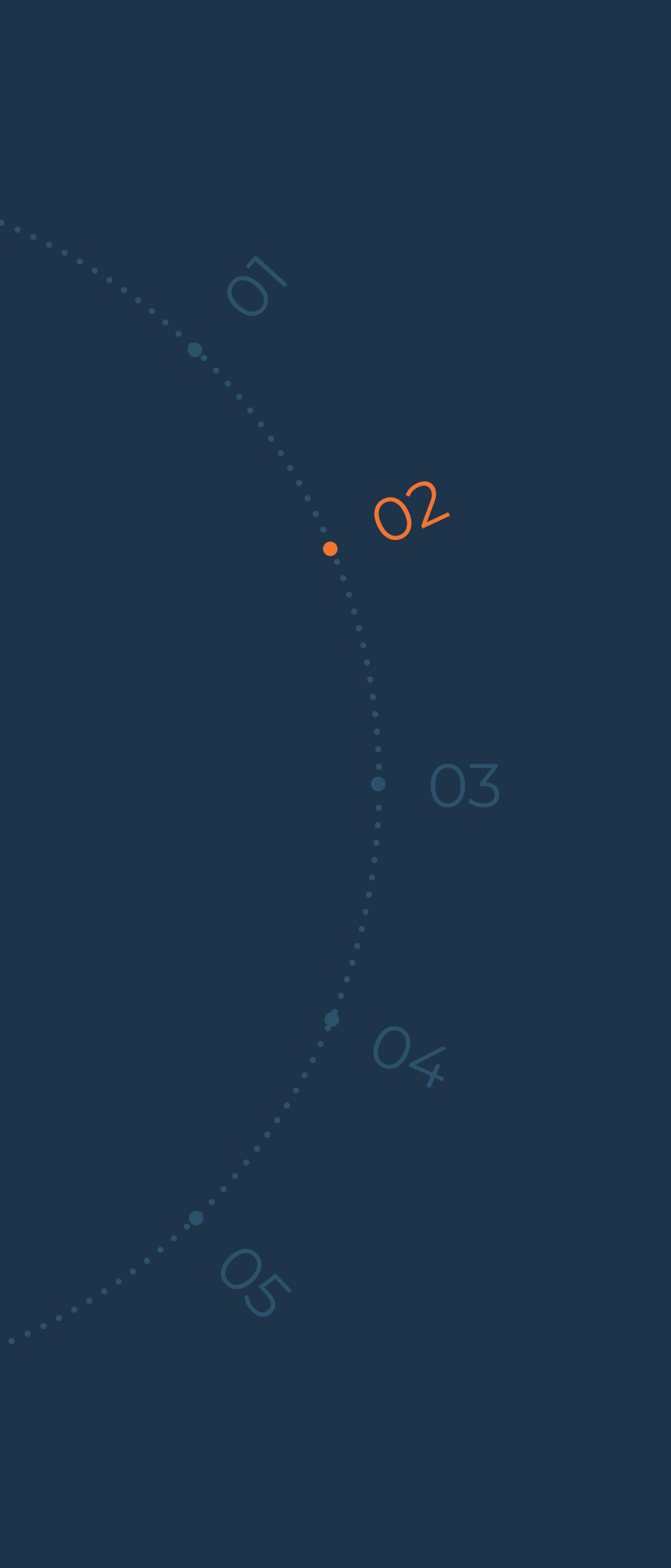
Afirmou que a radioterapia e a cirurgia têm apresentado pouco progresso, enquanto a quimioterapia praticamente é a arma que mais desenvolvimento obteve no tratamento do câncer. A Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica vai intensificar o uso da quimioterapia antineoplásica, realizando convênios com sociedades de outros paises, no sentido de obter drogas, intercâmbio de pessoal, estágios, cursos que mantenham a oncologia clínica brasileira em pé de igualdade com as demais entidades existentes no mundo.

Reportagem sobre o Congresso Brasileiro de Quimioterapia Antineoplásica e os novos rumos da SBQA, divulgada no Diário de Pernambuco em 21/09/1979.

A conexão da SBQA com a SBOC

A ata de constituição da SBOC de 1981 começa com uma homenagem aos fundadores da SBQA. O documento manuscrito, guardado no acervo histórico da SBOC, descreve a importância de sua predecessora.

Os primeiros passos na estruturação da SBOC ocorreram em Belo Horizonte precisamente em 26/07/1963, quando vários colegas se reuniram e se organizaram no sentido de promover congressos e reuniões a respeito do tema oncologia antineoplásica. Todos aqueles colegas que compareceram nestes trabalhos citados, que passem na presente ata como fundadores desta Sociedade ora fundada, a Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica.


01
02
03
04
05

Início
[1981-1995]

A SBQA se transforma em SBOC

No contexto de desenvolvimento da oncologia clínica brasileira, em 1979, a diretoria da SBQA estabeleceu uma nova estratégia de atuação, unindo esforços e ampliando o número de associados para formar uma base sólida para o futuro. A sociedade decidiu se modernizar e dar início a uma nova fase, adequando-se ao novo contexto da prática médica oncológica.

O próprio termo "quimioterapia", presente no nome da sociedade, estava ultrapassado, em desacordo com seus objetivos, uma vez que aos quimioterápicos somaram-se outras ferramentas de tratamento contra o câncer, como hormonioterapia, imunoterapia e, mais tarde, as drogas de precisão molecular. No final dos anos 1970, o tratamento para o câncer foi ampliado e novas abordagens, como a prevenção, diagnóstico, terapias sistêmicas, cuidados paliativos e políticas públicas, foram incluídas na condução do tratamento integral. Assim, progressivamente, o termo "quimioterapeuta" entrou em desuso, sendo substituído por "oncologista".

Oswaldo Dick, presidente da SBQA em 1979, apresentando-se já como "oncologista clínico", em entrevista retratou o novo panorama da medicina oncológica no Brasil: *Muitas formas de câncer estão sendo curadas com modernos processos de tratamento. Evolui-se na descoberta de substâncias químicas para erradicação*

do mal, sem necessidade de cirurgias. Nos últimos três anos, tem sido excelente o progresso no controle do câncer. O tratamento, atualmente, pode ser realizado por radiações ionizantes, cirurgia, quimioterapia e, ultimamente, também pela imunoterapia. Nos últimos anos, o desenvolvimento da quimioterapia tem sido excelente, principalmente depois que se passou a conhecer melhor a utilização dessas substâncias, seus mecanismos de ação, ciclo celular, reações indesejáveis e interação delas e, também, pelo melhor entendimento da relação câncer-hospedeiro. Daí a importância que se vem dando, atualmente, ao tratamento quimioterápico. Certamente que este não é o tratamento mais importante no câncer, mas é tão fundamental quanto o são as radiações e a cirurgia.

Com o avanço do conhecimento acerca do câncer e sua inserção como uma das pautas da saúde pública, a SBQA se atualizou aos novos tempos. Em 1979, durante o Congresso Brasileiro de Quimioterapia Antineoplásica realizado em Porto Alegre, os participantes decidiram pela reformulação da entidade propondo a criação de uma nova denominação.

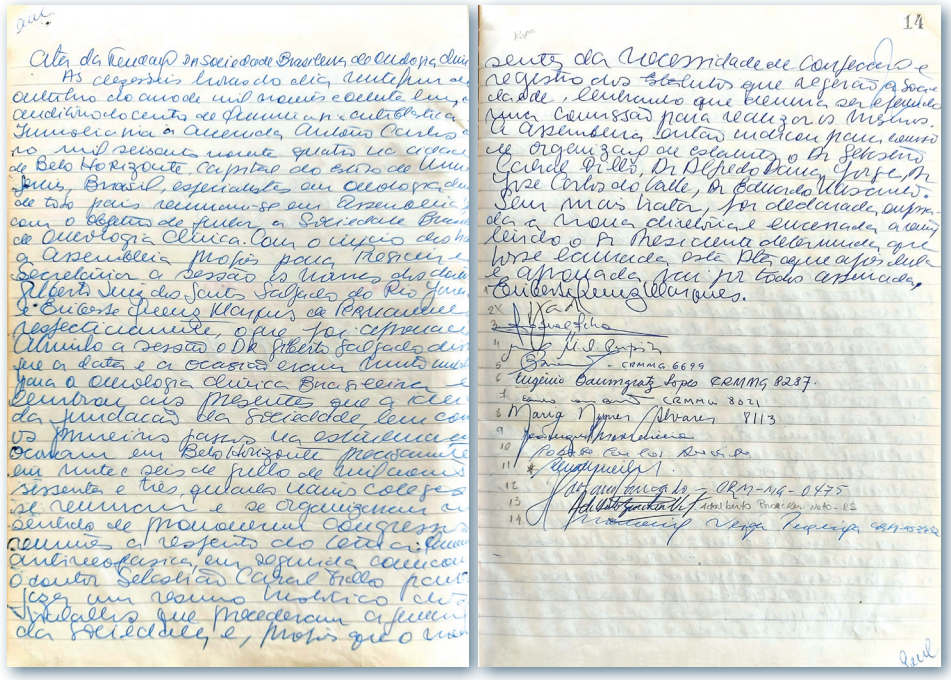
Seguindo a tendência mundial de outras sociedades e publicações de vanguarda da época, o termo "oncologia" foi escolhido para compor o novo nome da sociedade, assim como outras instituições correlatas, a *American Society of Clinical Oncology* (ASCO) e a *European Society for Medical Oncology* (ESMO). Deste modo, deu-se início à estruturação da "Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica". Após a alteração do nome, Milton Cunha Filho e José Carlos do Valle foram escolhidos presidente e vice-presidente por unanimidade sendo os líderes responsáveis por implantar a transição de SBQA para SBOC, coordenando a elaboração de um novo estatuto.

Em notas à imprensa, após a realização do congresso de 1979, a entidade passou a se apresentar como Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica. Isso não impediu que o próprio Milton Cunha, ao se pronunciar sobre sua eleição, mencionasse os dois nomes, demonstrando a estreita relação entre SBQA e SBOC: *Foi uma surpresa agradável, e sobretudo honrosa, a escolha do meu nome para a presidência da Sociedade Brasileira de Quimioterapia.* Mas, na sequência de sua fala, cita a mesma sociedade com seu novo nome: *A Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica vai intensificar o uso da quimioterapia antineoplásica, realizando convênios com sociedades de outros países, no sentido de obter drogas, intercâmbio de pessoal, estágios, cursos que mantenham a oncologia brasileira em pé de igualdade com as demais entidades*

existentes no mundo.

Para alguns fundadores, o ano de 1979 também é considerado a data de criação da SBOC, ainda que de maneira informal, sem a redação oficial de seus estatutos. Inclusive, em 2009, a própria SBOC lançou um livro histórico comemorativo da instituição aos seus 30 anos de existência, considerando como marco fundador o congresso de 1979.

Nos dois anos seguintes, entre 1979 e 1981, o estatuto da entidade foi elaborado, a cargo de uma comissão liderada pelo oncologista Sebastião Cabral Filho, possibilitando a constituição de uma pessoa jurídica e de uma assembleia geral. Em 1981, durante o congresso, em Belo Horizonte, o estatuto social foi aprovado pelos associados e seus atos constitutivos registrados oficialmente. Deste modo, a SBOC passou a existir institucionalmente.



Primeira e última páginas da ata de constituição da SBOC redigida em 21/10/1981.

Constituição formal da SBOC

A concepção da SBOC coincidiu com um cenário efervescente da oncologia no Brasil e no mundo. O entusiasmo da comunidade médica e científica com os avanços da oncologia contribuiu para a criação de uma sociedade ágil e dinâmica, com muitas possibilidades de atuação, com foco no tratamento integral contra o câncer. Esse era o espírito do tempo na área oncológica no início dos anos 1980.

Assim, no dia 21 de outubro de 1981, no auditório do centro de treinamento do Hospital Belo Horizonte, na capital mineira, especialistas em oncologia de todo o país reuniram-se em assembleia com o objetivo de fundar a Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica. O presidente e o secretário eleitos para condução da assembleia constitutiva foram Gilberto Luiz dos Santos Salgado, do Rio de Janeiro, e Ricardo Queiroz Marques, de Pernambuco, aprovados de maneira unânime.



Bandeira da SBOC com seu primeiro logotipo sendo apresentada aos associados na sede da entidade localizada em Belo Horizonte, em 1994.

SBOC e a saúde da mulher

Importante porta-voz da SBOC em relação à saúde da mulher foi a oncologista Carla Ismael. Sua atuação se destacou por defender ativamente a quebra de tabus em torno do diagnóstico precoce do câncer, incentivando a realização regular de exames como a mamografia e o papanicolau, além de combater o estigma que cercava as doenças oncológicas femininas.

Carla foi uma das pioneiras no combate ao câncer de mama no Brasil, representando também uma figura chave na transição do tratamento do câncer para um modelo de atendimento mais humanizado, integrando o acolhimento emocional à precisão dos tratamentos oncológicos.

Abrindo a sessão, Gilberto Salgado disse que a data e a ocasião eram muito importantes para a oncologia clínica brasileira e lembrou aos presentes que: *a ideia da fundação da Sociedade, bem como os primeiros passos na estruturação, ocorreram em Belo Horizonte, precisamente em 26/07/1963, quando vários colegas se reuniram e se organizaram no sentido de promover congressos e reuniões a respeito do tema*. E propôs que os fundadores da SBQA também fossem considerados fundadores da SBOC, mais uma vez, valorizando o legado da instituição e de seus profissionais pioneiros da oncologia clínica brasileira. A homenagem foi aprovada por todos os presentes.

Os 50 artigos do estatuto da SBOC definiram os cargos e atribuições dos integrantes da diretoria, o perfil dos associados e as finalidades institucionais, transformando o entusiasmo e o sonho de um grupo de especialistas em uma instituição juridicamente e administrativamente bem estabelecida, capaz de representar a oncologia clínica brasileira.

De acordo com o estatuto, foram criadas estruturas permanentes de governança, como a Assembleia Geral, Conselho Fiscal, Conselho de Ética e Conselho de Admissão de Novos Sócios. A Diretoria era composta pela presidência de honra, presidência, oito

vice-presidências (Administração; Assistência Médica; Ensino da Oncologia; Pesquisas Clínicas; Estudos e Programas; Relações Internacionais; Relações Públicas e Captação de Recursos), cinco secretarias (Geral, Informes e Comunicação Social, Planejamento, Defesa Profissional e Eventos Socioculturais), além de Tesouraria e Vice-tesouraria.

As finalidades da entidade incluem representar os médicos oncologistas clínicos do Brasil, incentivar a formação, a pesquisa, a educação continuada, contribuir na elaboração de políticas públicas de saúde, na defesa profissional e nas relações nacionais e internacionais.

Também foi estabelecido a realização do Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica a cada dois anos, tornando-se uma das principais marcas da entidade. O congresso foi concebido para ser o principal espaço de intercâmbio de conhecimento da especialidade, onde são apresentados novos estudos, debatidos avanços terapêuticos e compartilhadas experiências clínicas de diferentes regiões do país e do mundo.

Ao final de cada edição do congresso, por meio de votação entre os associados, a liderança da sociedade seria renovada por voto secreto e por maioria simples em sessão solene, estabelecendo gestões bienais e criando um ciclo permanente de atualização e participação.



Premiação e incentivo a associados da SBOC, em 1994.

Temas de vanguarda

Desde seus primeiros anos, a SBOC desenvolveu uma característica que se tornaria uma marca permanente de sua trajetória: discutir ideias inovadoras. Antes de novos temas ganharem espaço no debate público, lideranças da sociedade já acompanhavam estudos sobre derivados da *cannabis* para desconfortos provocados pela quimioterapia, sobre engenharia genética e sobre pesquisas com fitoterápicos da Amazônia como complementares ao tratamento oncológico.

Em reportagem do *Jornal do Brasil* em 1980 intutulado *Médico relata benefícios da maconha para reduzir náusea ao tratar câncer*, o então vice-presidente de Pesquisas Clínicas da SBOC, Gilberto Salgado, divulgou a utilização de canabidiol para pacientes tratados com quimioterapia: *Estudos feitos em 1979 na Universidade de Tucson, Arizona, demonstraram que um derivado da maconha, o Delta 9 tetra-hidro-canabidiol, reduz consideravelmente as náuseas e vômitos nos pacientes com câncer tratados pela quimioterapia*.

José Carlos do Valle, presidente da SBOC, foi um dos primeiros a anunciar a engenharia genética como nova tecnologia de combate ao câncer. Após participar do congresso da ASCO, realizado no Texas, em 1991, divulgou no Brasil as técnicas revolucionárias de tratamento e prevenção do câncer.

Valle comunicou as novidades em uma matéria chamada *Genética auxilia cura do câncer*, que dizia: *a engenharia genética já permite modificar o código genético celular de uma pessoa e assim matar as células cancerígenas*. Outra novidade divulgada foi uma técnica que revelava, com até 10 anos de antecedência, se um organismo apresentava predisposição para o câncer permitindo iniciar um tratamento precoce.

No mesmo ano, em 1991, a SBOC passou a fornecer apoio a projetos de pesquisa na Amazônia para o desenvolvimento de remédios naturais contra o câncer, dentre eles destacava-se o pioneiro estudo do oncologista Ricardo Schwartsmann.



Mesa de debates durante o IV Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica realizado em Belo Horizonte, em 1985.

Compartilhando experiências

Desde sua criação, a SBOC preconiza que a evolução do tratamento do câncer deve ser obtida por meio do trabalho colaborativo e que o conhecimento deve estar ao alcance de todos. Com esse pensamento, dirigentes da entidade organizaram encontros em São Paulo e em Salvador no início de 1981 para profissionais de todo o país compartilharem suas experiências no tratamento de tumores malignos em suas instituições e clínicas. Além da SBOC, participaram deste projeto pioneiro o Ministério da Saúde, o Hospital de Oncologia do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), a SBC e diversas faculdades de medicina. Esses encontros foram o ponto de partida para o primeiro estudo cooperativo realizado no Brasil voltado para a uniformização das técnicas de tratamento oncológico, mostrando o espírito inovador que se tornaria uma das características principais da SBOC. Essa expertise contribuiu para a publicação, a partir dos anos 2010, das Diretrizes SBOC, guias de conduta de referência nacional, como veremos.

José Carlos do Valle, então vice-presidente da SBOC, afirmou em entrevista que: *o compartilhamento de experiências no tratamento dos tumores malignos com a utilização da quimioterapia, para debate conjunto com outras instituições nacionais, contribuirá decisivamente para a queda dos índices de mortalidade provocada pelas neoplasias*.

Assim, a organização de encontros entre associados tornou-se prática comum da SBOC. Ao retornar de eventos internacionais de vanguarda realizados em diversas cidades do mundo, como Houston; Kansas; Saint Louis; Paris; Milão; Moscou; Tóquio; Santiago e Buenos Aires, os associados da SBOC compartilhavam as novidades sobre oncologia. A troca de conhecimento também era fomentada pela participação em entidades internacionais, como a ASCO e a ESMO.

Muitos oncologistas de destaque mundial passaram a visitar o Brasil para realizar palestras e cursos por meio de convites feitos formalmente pela sociedade, enriquecendo a troca de informações no ambiente médico-científico brasileiro. Em tempos prévios ao mundo digital, essa interação foi essencial para a evolução da oncologia brasileira.

Em 1982, por meio do convite da SBOC, o oncologista italiano Franco Panutti participou de simpósios e encontros em diferentes cidades no Brasil em parceria com instituições de saúde locais e a Sociedade Brasileira de Mastologia. Sua conferência, intitulada *Hormonioterapia no Câncer da Mama*, causou grande repercussão, apresentando estudos pioneiros sobre técnicas de tratamento focadas em terapias endócrinas para tumores malignos de mama avançadas, com significativa eficácia e redução de efeitos tóxicos ao paciente em comparação aos métodos quimioterápicos utilizados até então.

À frente do seu tempo, a entidade já acreditava que o sucesso do tratamento abrangia também a relação entre saúde mental e câncer, um assunto que décadas mais tarde se tornaria essencial na prática oncológica, a psico-oncologia. Nesse contexto, a SBOC patrocinou, em 1983, o curso *Psicologia e Câncer* com o intuito de oferecer apoio a médicos, pacientes e familiares.

Os primeiros congressos nacionais da SBOC

Os congressos nacionais de oncologia clínica promovidos pela SBOC nasceram com o propósito de transformar conhecimento em patrimônio coletivo. Mais do que eventos científicos de excelência, funcionavam como pontos de encontro para uma comunidade profissional ainda em construção. Em uma época pré-digital, reunir especialistas de diferentes regiões era uma das formas mais eficazes de acelerar a disseminação do conhecimento e reduzir a distância que separava a oncologia brasileira dos principais centros de pesquisa do mundo.

Em 1981, a SBOC realizou o maior evento brasileiro de oncologia clínica já feito até então. Com o objetivo de reconhecer os esforços realizados anteriormente, a diretoria considerou o Congresso Brasileiro de Quimioterapia Antineoplásica de 1979, como o primeiro da sociedade, divulgando seu evento de 1981 como II Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica.



Palestrantes do IV Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica realizado em Belo Horizonte, em 1985.



Abertura do IV Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica realizado em Belo Horizonte, em 1985.

Patrocinado e organizado pela SBOC, o congresso foi realizado em Florianópolis e teve como colaboradores institucionais a SBC, a Secretaria de Saúde de Santa Catarina, a UFSC e a Sociedade Argentina de Cancerologia Clínica. Junto ao congresso, foram realizados o I Encontro Preparatório para o X Congresso Brasileiro de Cancerologia e o I Encontro Brasil-Argentina de Oncologia Clínica. O estabelecimento de diálogo e parcerias institucionais que enriquecem seus eventos e oferecem uma visão global da oncologia aos associados se tornou uma marca da SBOC nos anos seguintes.

Nesse encontro, os profissionais reuniram-se para discutir o tema: *O Tratamento Adjuvante com Drogas dos Diferentes Tipos de Câncer*. Também foram abordados os subtemas *Bases da Quimioterapia Adjuvante*, *Perspectivas Futuras da Quimioterapia Adjuvante*, *Câncer e Infecção* e *Complicações da Quimioterapia Adjuvante*.

Roberto de Almeida Gil, sócio fundador da SBOC e futuro presidente, declarou: *Consolidou-se o tratamento adjuvante nas fases iniciais da doença, quando há menos células para tratar e, portanto, a sensibilidade ao quimioterápico pode ser maior. Com a cisplatina, pela primeira vez consegue-se, exclusivamente pela quimioterapia, a cura de pacientes com doença metastática – no caso, com câncer de testículo. Abre-se uma possibilidade diferente daquela relativa ao câncer hematológico: curar tumores sólidos*.

O médico Roberto de Paula foi destaque no evento, ministrando a palestra e mesa-redonda de debates *Aspectos Psiquiátricos do Tratamento do Câncer*. Além

dos palestrantes das mais respeitadas instituições brasileiras, participaram dez convidados internacionais. Entre eles, os estadunidenses Gerald Bodey e Stephen Jones, o italiano R. Derreta, e os argentinos Alberto Luchina e Sérgio Breier. A participação internacional nesse evento foi relevante, visto que, no congresso anterior, realizado em 1979, somente um convidado internacional esteve presente, o hematologista estadunidense Benjamin Koziner.

Em 1983, no III Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica sediado no Rio de Janeiro, os oncologistas clínicos Gerald Bodey e Benjamin Koziner dos EUA, Franco Panutti da Itália, e Reinaldo Daniel Chacon da Argentina foram destaques internacionais, debatendo os principais assuntos: *Linfomas*, *Tumores da Infância*, *Câncer de Mama*, *Ovário* e *Testículo*.

O quarto congresso nacional da SBOC foi realizado em Belo Horizonte em 1985, na Associação Médica de Minas Gerais, reunindo mais de trezentos associados. Já o V Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica ocorreu em 1987 e reuniu cerca de quinhentos participantes, estabelecendo um novo patamar para a especialidade no país. Pela primeira vez, um congresso brasileiro de oncologia clínica recebeu 25 convidados internacionais, número sem precedentes até então.

As edições posteriores cresceram e reuniram profissionais e palestrantes do mais alto nível, consolidando-se como o principal evento médico-científico do setor. Em seus 45 anos de existência, a SBOC vem cumprindo sua obrigação estatuária de realizar seus congressos nacionais, concretizando sua vocação de compartilhamento de experiências e a construção de um ambiente colaborativo para o desenvolvimento da oncologia brasileira.



Cartaz do VII Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica realizado no Rio de Janeiro, em 1991.



Abertura do VII Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica realizado no Rio de Janeiro, em 1991.

Oncologia brasileira nos anos 1980

Os eventos nacionais realizados pela SBOC eram amplamente divulgados na comunidade científica e pela mídia voltada ao grande público, como em reportagens publicadas nas revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*, duas das mais populares no Brasil dos anos 1980. O tema "câncer" passava a estar mais presente no dia a dia das pessoas, aumentando a conscientização sobre a doença e suas possibilidades de prevenção e avanços no tratamento.

Em entrevistas, os diretores da SBOC passaram a incentivar a realização de check-ups de rotina. Em reportagem publicada no *Jornal do Brasil*, um dos jornais de maior circulação nacional, em 1983, Gilberto Salgado, presidente da entidade, enfatizou a necessidade de: *alertar a população para a prevenção. O câncer, quando no início, pode ser curado, mas existe muita falta de informação. As mulheres devem fazer anualmente um exame ginecológico e raio X, e os homens, além da mesma radiografia, devem manter-se em dia com seu estado de saúde, fazendo um check-up*. Eram momentos pioneiros de estabelecimento de protocolos e campanhas de conscientização da população.

Com a contribuição da SBOC e outras instituições privadas e públicas no debate sobre a implantação de um modelo oncológico de política de saúde pública nacional, as ações de combate ao câncer passaram por uma profunda transformação, priorizando a informação e o diagnóstico precoce para além do tratamento hospitalar.

Um dos maiores marcos do período foi o lançamento do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) em 1984, que inseriu o controle do câncer de mama e de colo do útero na rotina da saúde pública. Logo em seguida, em 1986, a criação do Pro-Onco pelo INCA unificou as campanhas educativas em nível nacional. Paralelamente, o Ministério da Saúde iniciou as primeiras grandes mobilizações antitabagistas para prevenir o câncer de pulmão, enquanto iniciativas como o programa Prevenção do Câncer Ginecológico ao Alcance do Médico do Interior uniram forças com os Correios para capacitar profissionais e descentralizar o diagnóstico pelo país.

Um fato marcante da inserção do câncer nas pautas de saúde pública foi a criação do Dia Nacional de Combate ao Câncer, instituído em 1988 pelo Ministério da Saúde. Seus objetivos foram ampliar o conhecimento da população sobre a doença, mobilizar a sociedade em torno de aspectos educativos e sociais no controle do câncer, estimular a prevenção primária e reforçar a extrema importância do diagnóstico precoce para aumentar as chances de cura.



Cartaz da campanha Dia Mundial Sem Tabaco idealizado pela OMS, em 1991.

Nesse contexto de difusão de informações sobre o câncer e da prática oncológica por todo o Brasil, a atuação da SBOC tornava-se cada vez mais relevante como órgão de representatividade nacional dos profissionais da área.

Do TECA ao TEOC

Os esforços da SBOC, juntamente com outras instituições, resultaram na formalização da Oncologia Clínica como especialidade médica, sendo instituído o treinamento específico para a atuação clínica e sistêmica para a prática oncológica, de acordo com a resolução da Comissão Nacional de Residência Médica de dezembro de 1983.

Em 1985, a SBOC iniciou os trâmites para reconhecimento da entidade como aplicadora do exame de suficiência para obtenção do título de especialista em Oncologia Clínica, iniciando um longo processo de preparação. Somente em 1991, em convênio com a Associação Médica Brasileira (AMB) e a SBC, a SBOC instituiu formalmente concurso para atribuição do Título de Especialista em Cancerologia (TECA) na área de Oncologia Clínica.

José Carlos do Valle, em depoimento ao vídeo comemorativo dos 40 anos da SBOC, em 2021, relembrou as dificuldades encontradas: *Um dos compromissos que me fez ser eleito foi o de que eu iria obter essa pacificação entre as duas sociedades. Porque existia um litígio muito relevante entre a nossa sociedade e a Sociedade Brasileira de Cancerologia. A SBC não queria dar esse tipo de 'alforria' para nossa sociedade, para a emissão do título de especialista em oncologia clínica. Foi permitido que nós fizéssemos o primeiro concurso e eu tive a honra de ser o presidente da banca examinadora*.

O reconhecimento pleno da Oncologia Clínica como especialidade médica foi resultado de mais de 30 anos de esforços da SBOC. Somente em 2017, o Conselho Federal de Medicina (CFM) também incluiu a Oncologia Clínica como especialidade médica no Brasil. Anteriormente, era considerada apenas uma titulação dentro da Cancerologia.

Como veremos, desde 2018, a SBOC vem mantendo anualmente a emissão do Título de Especialista em Oncologia Clínica (TEOC) em parceria com a AMB. O exame de suficiência é elaborado por uma banca composta por oncologistas clínicos titulados e destinado aos médicos recém-formados na especialidade ou que estejam adquirindo conhecimento e experiência suficientes para alcançar a aprovação. O TEOC tem como principais objetivos atestar a qualidade da formação do especialista,

qualificar seu currículo perante pacientes, mercado de trabalho e meio acadêmico, atender eventuais exigências das instituições e das operadoras de saúde, e cumprir o pré-requisito para associar-se à SBOC na categoria de titular.

Em 2026, a SBOC iniciou o Teste de Progresso em Oncologia Clínica (TPOC), uma avaliação anual e progressiva criada em parceria com a AMB para acompanhar a evolução do conhecimento dos médicos residentes ao longo de sua formação. Aplicada de forma online, a prova adota a mesma matriz do exame do TEOC e oferece benefícios práticos futuros na obtenção do título de especialista definitivo para os candidatos com bom desempenho acumulado.



Público em fórum de discussão durante o IV Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica realizado em Belo Horizonte, em 1985.



Saúde
& MEDICINA

Médico tem escola móvel

Enquanto o índice de mortes por doenças cardiovasculares vem diminuindo no país, a mortalidade por câncer tem aumentado significativamente nos últimos anos. A previsão é de que em 2010 o câncer apareça em primeiro lugar na lista das principais causas de morte no Brasil.

A razão para essa ascensão é clara: o câncer é geralmente detectado em fase avançada. "Nos Estados Unidos, 90% dos tumores de mama são diagnosticados no estágio um (fase inicial), enquanto, no Brasil, 90% deles são detectados nos estágios 3 e 4", exemplifica o oncologista Fernando Medina da Cunha, presidente da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica.

A perspectiva de ter 300 mil casos novos no país só neste ano levou a SBOC a criar uma *escola itinerante* para preparar a classe médica não especializada para o diagnóstico precoce do câncer. "Cerca de 70% dos diagnosticos são feitos por médicos não-oncologistas, que não sabem detestar o câncer ou o fazem tardiamente", adverte Medina, Ele diz que a escola atende as solicitações de médicos de todo o país sem ônus para o serviço local.

Reportagem noticiando a criação da Escola Itinerante da SBOC publicada no Jornal do Brasil em 13/06/1993.

Escola Itinerante de Oncologia Clínica

Em uma iniciativa inédita, a SBOC passou a capacitar profissionais de saúde de unidades básicas em todo o Brasil por meio de uma escola itinerante. O objetivo era disseminar a conscientização sobre as ações de prevenção do câncer.

Assim, em 1992, a Escola Itinerante de Oncologia Clínica, a primeira deste tipo no mundo, entrou em operação percorrendo cidades remotas do país, oferecendo gratuitamente capacitação a médicos generalistas e profissionais de outras especialidades. Como resultado, mais agentes de saúde passaram a reconhecer sinais precoces da doença, encaminhar os pacientes aos tratamentos adequados e evitar atrasos no diagnóstico.

O projeto pioneiro foi anunciado por Fernando Medina, presidente da SBOC, durante a I Conferência Internacional de Câncer realizada na cidade de Petrópolis em

1992: *Cerca de 70% dos diagnósticos de câncer são feitos por médicos não-oncologistas, que não sabem detectar o câncer ou fazem tardiamente. A Escola Itinerante vem para preparar a classe médica não especializada para o diagnóstico precoce do câncer*.

A Escola ganhou destaque na mídia pelo seu caráter inovador. O *Jornal do Brasil* noticiou sua criação: *A Escola Itinerante, formada por cancerologistas de diferentes regiões do País, procurará atingir os locais mais carentes de atendimento médico, como o Nordeste. A campanha será financiada por indústrias brasileiras, em sua maioria do setor farmacêutico*.

A partir dessa experiência, ao longo dos anos seguintes, a SBOC intensificou seu compromisso com a formação profissional em diferentes regiões do país para além da Escola Itinerante, organizando cursos em parceria com instituições locais. Uma das primeiras iniciativas ocorridas nesse período foi a realização do curso básico de oncologia oferecido para a Escola de Enfermagem de Manaus, em parceria com a SBC, Sociedade Brasileira de Enfermagem Oncológica e Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica, representando uma das primeiras capacitações deste tipo na região Norte.



Destque para o público feminino presente no IV Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica realizado em Belo Horizonte, em 1985.

Em defesa do tratamento de qualidade

Em seus primeiros dez anos de atuação, a SBOC vivenciou um cenário de hiperinflação e escassez de recursos, marcado pela crise econômica em que o Brasil se encontrava durante a década de 1980 – classificada pelos economistas como a "década perdida". Nesse período, o país passou por seis planos econômicos fracassados, quatro moedas diferentes e restrição orçamentária radical na área da saúde.

As pesquisas e tratamentos oncológicos foram severamente afetados nesse período, sobretudo pela necessidade de aquisição de medicamentos e matérias-primas importadas cotadas em dólar. O aumento da dívida externa brasileira e a desvalorização do Cruzado, moeda da época, sucessora do Cruzeiro, fizeram com que o dólar alcançasse valores altíssimos, dificultando o acesso aos medicamentos quimioterápicos.

Em entrevista ao *Correio Braziliense*, Sebastião Cabral Filho, presidente da entidade entre 1983 e 1985, denunciava a situação afirmando que: *há um grande avanço com relação aos medicamentos para o combate ao câncer, em suas diversas manifestações, mas o Brasil está muito mal no combate à doença por faltarem recursos para pesquisa e tratamento*.

Mesmo com as dificuldades da crise econômica, a SBOC atuou com firmeza em defesa do acesso às terapias inovadoras que surgiam no mundo aos pacientes brasileiros. Em diversas campanhas, a instituição se posicionou como defensora da manutenção e aumento das verbas públicas destinadas à área oncológica que necessitava especial atenção do governo por sua relevância.

Em campanha de comunicação institucional em 1984, a SBOC divulgou que, apesar de existirem cerca de 50 medicamentos quimioterápicos para o tratamento do câncer, apenas um era brasileiro, a actinomicina. *O Brasil poderia produzir bem mais com economia de dólares para o País, mas não tem recursos*, segundo nota à imprensa.

Em 1986, frente ao descontrole da inflação, o Conselho Interministerial de Preços (CIP), órgão federal responsável por controlar artificialmente os preços de produtos e serviços na economia brasileira, instituiu a política de "congelamento de preços", o que, na prática, inviabilizava a importação de quimioterápicos, pois o ônus da dife-

rença cambial ficaria com os hospitais e órgãos de saúde.

As consequências dessa medida foram imediatas. Em diversos casos, os tratamentos foram interrompidos, ou medicamentos foram substituídos por alternativas menos eficazes. Indignada com a decisão, a SBOC agiu prontamente em defesa da prática oncológica e do acesso aos tratamentos adequados.

Assim que publicada a portaria da CIP, a SBOC enviou telegramas ao presidente José Sarney e outras autoridades do governo federal, em conjunto com a SBC, advertindo as consequências da medida para o setor oncológico e exigindo que o governo federal excluísse os medicamentos dessa política de congelamento.

Juvenal Antunes de Oliveira Filho, então presidente da SBOC, serviu como porta-voz da comunidade médica, sendo amplamente consultado pela mídia: *defendemos o posicionamento no sentido de que o Governo Federal assuma essa despesa e não a transfira aos hospitais*. Juvenal classificou a decisão do congelamento como "antidemocrática", uma vez que afetaria principalmente o atendimento aos pacientes com pouco poder econômico.

A ação da SBOC e da comunidade oncológica surtiu efeitos positivos. Poucos meses depois, a portaria foi revogada para alguns medicamentos. O episódio serviu para demonstrar que a SBOC já tinha capacidade de influenciar decisões governamentais em defesa dos pacientes e de atuar como voz ativa nas decisões das políticas públicas voltadas para oncologia.

Superando desafios na "década perdida"

A crise econômica que assolava o Brasil em 1985 afetou diretamente os recursos financeiros que sustentavam as atividades da SBOC. No dia 19 de novembro, o tradicional Banco Comind, a quinta maior instituição financeira do país, sofreu liquidação extrajudicial e intervenção do Banco Central, que determinou bloqueio imediato dos seus recursos, restringindo o acesso às reservas da instituição. *O maior desafio foi receber a sociedade sem recursos financeiros*, declarou Juvenal Antunes ao falar sobre seu mandato iniciado em janeiro de 1986.

As adversidades reforçaram a união dos associados que promoveram o V Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, realizado em 1987, o maior evento da área e um dos mais importantes da sua história inicial. Pela primeira vez um congresso de oncologia clínica sediado no país recebeu a presença de 25 convidados estrangeiros colocando o evento num patamar científico de destaque.

Em 1987, a SBOC elaborou uma lista com 30 medicamentos essenciais que estavam de difícil obtenção diante das dificuldades econômicas que o país enfrentava. Assim, durante o V Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, a lista foi aprovada e posteriormente encaminhada ao Ministério da Saúde com um pedido de providências governamentais. *Sem medicamentos, não podemos mais curar*, resumiu o presidente Juvenal Antunes para o *Jornal do Comércio*.

SBOC e Pro-Onco

Na segunda metade dos anos 1980, a criação do Sistema Único de Saúde (SUS trouxe uma nova gestão nacional da saúde pública com maior participação das três esferas do Estado. Nesta nova configuração de descentralização das decisões e maior relevância dos municípios e estados, a representatividade da SBOC foi fundamental para a defesa da prática oncológica no Brasil.

Devido à sua capilaridade, a instituição fez-se presente nas principais comissões e debates junto aos órgãos governamentais, seja na padronização de práticas médicas, na defesa do acesso aos medicamentos, na pesquisa, assim como no compartilhamento de dados estatísticos de abrangência nacional.

Em 1986, a instituição foi chamada pelo Ministério da Saúde para integrar o Grupo Assessor para Controle do Câncer no Brasil, que deu origem ao Programa de Oncologia (Pro-Onco) que mudou o foco do combate ao câncer. O programa preconizou a prevenção e o diagnóstico precoce, representando o principal marco de transição na saúde pública oncológica brasileira. O Pro-Onco estruturou as primeiras campanhas educativas nacionais, lançou as bases para o controle do tabagismo no país e organizou o rastreamento das incidências dos cânceres no Brasil, servindo como base para as atuais políticas de oncologia.

Dentre os nove integrantes da equipe criadora do Pro-Onco estava o então presidente da SBOC, Juvenal Antunes. A participação da entidade na política nacional de combate ao câncer demonstrava a maturidade e relevância da instituição alcançada em poucos anos de existência.

Incentivos à formação profissional

Com o objetivo de formar especialistas, estabelecer padrões de qualidade e transmitir conhecimento às novas gerações, a SBOC desenvolveu a expertise em descobrir e incentivar novos talentos. As ações para a promoção profissional tiveram início já em seus primeiros anos de atividade.

Nos anos 1980, o Prêmio Cyanamid - Produtos Oncológicos - Lederle se consolidou como uma das mais importantes premiações científicas destinadas a incentivar a pesquisa médica. O prêmio, copatrocinado pela SBOC, consistia em uma competição de trabalhos clínicos e experimentais em oncologia que desempenhou papel fundamental no reconhecimento e fomento de estudos acadêmicos inovadores focados no tratamento e diagnóstico do câncer.

Em 1989, a SBOC criou seu primeiro concurso, premiando os melhores trabalhos científicos em oncologia. Os estudos selecionados foram apresentados durante o VI Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, compartilhando conhecimento e valorizando a produção científica. No mesmo ano, iniciou o concurso para cessão de bolsas de estudos com um ano de duração em instituições europeias para oncologistas clínicos brasileiros. O anúncio dos primeiros bolsistas foi feito durante o VII Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, realizado em 1991.

Primeira sede própria da SBOC

Ao mesmo tempo em que expandia sua atuação pelo país, a SBOC constituiu uma sede administrativa própria pela primeira vez em 1994. Localizado em Belo Horizonte, o escritório fornecia infraestrutura operacional, salas e auditórios para realização de eventos, palestras e simpósios. A aquisição da sede própria foi uma conquista financeira da instituição, representando um marco de superação após os momentos de dificuldade com o confisco de seus recursos pelo Plano Collor em 1991. Parte do investimento para a compra do local foi obtida no VIII Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, realizado em 1993, organizado durante a gestão do presidente Fernando Medina, que teve seu nome prestigiado em uma das salas principais da sede.

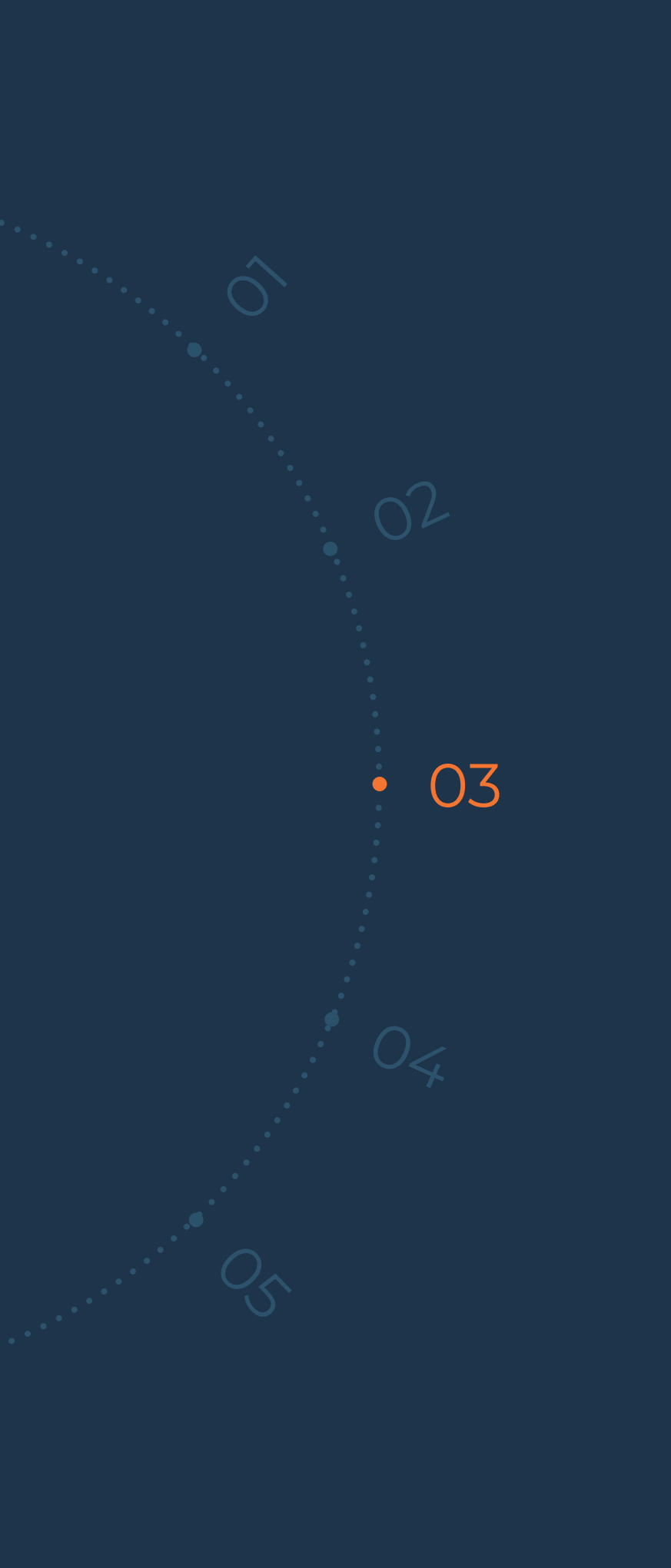
Pela primeira vez, a SBOC tinha uma casa própria. Mais do que um endereço, simbolizava estabilidade e maturidade institucional. A instalação da nova sede marcou o início de uma fase de profissionalização e melhoria da sua infraestrutura física e de recursos humanos.

Ao final da primeira metade da década de 1990, a SBOC já havia superado dificuldades, formado uma identidade própria e conquistado reconhecimento e admiração nacional entre os oncologistas brasileiros. A pequena sociedade criada para organizar uma especialidade emergente transformava-se rapidamente em uma das principais vozes da oncologia, alcançando a marca de mil profissionais associados.





Cerimônia de abertura da sede própria da SBOC com descerramento das faixas inaugurais do escritório (acima) e auditório (abaixo), em Belo Horizonte em 29/07/1994.


01
02
03
04
05

EXPANSÃO
[1995–2015]

Novo cenário do câncer no Brasil

A década de 1990 foi marcada por profundas mudanças na sociedade brasileira. Nesse período, a população adquiriu novos hábitos de vida, que, somados ao envelhecimento da população, fizeram aumentar o número de casos de câncer. A expectativa de vida do brasileiro passou de 62 anos no início dos anos 1980 para 74 anos em 2010, favorecendo que doenças associadas ao envelhecimento se tornassem mais frequentes.

Segundo o censo do IBGE, em 1980, cerca de 65% da população vivia nas zonas urbanas do país, aumentando para 85% em 2010. Essa mudança foi impulsionada pelo processo de industrialização e mecanização da agricultura, promovendo a mudança de trabalhadores para as cidades em busca de novas oportunidades, alterando a rotina e ritmo de vida de muitos brasileiros.

A mudança do estilo de vida do brasileiro nas rotinas urbanas promoveu o crescimento expressivo do consumo de alimentos ultraprocessados, tabaco e álcool, fatores associados ao risco de doenças crônicas, incluindo diversos tipos de câncer. Outros fatores indiretos também contribuíram para o aumento da incidência da doença na população, como o sedentarismo, o estresse e a privação do sono.

Na época da criação dos Registros de Câncer de Base Populacional (RCBP), em 1980, um dos primeiros centros de inteligência de dados oncológicos coordenado pelo INCA, foram registrados cerca de 200 mil casos novos da doença em todo o Brasil. Em 1995, esse número chegou a 300 mil. No mesmo ano de 1995, o INCA realizou um estudo e estimou que, no início dos anos 2010, a ocorrência de câncer aumentaria mais de 500 mil novos casos a cada ano, projeção que se confirmou com o passar do tempo.

Nesse período, o câncer tornou-se a segunda causa de morte não-violenta no Brasil, atrás somente de casos relacionados a doenças do coração e do aparelho circulatório. Porém, em cerca de 10% dos municípios do país, o câncer foi a primeira causa de óbitos, número que vem crescendo desde então.

Em paralelo ao aumento do número de casos da doença, a oncologia cresceu no Brasil, tanto na quantidade de cursos de especialização quanto na formação de profissionais especialistas. No início dos anos 1990, havia somente cerca de uma dezena de programas de residência médica na área de oncologia. Em 2003, esse número subiu para 48, e em 2010 saltou para 209, considerando as áreas de oncologia clínica, oncologia cirúrgica, oncologia pediátrica e radioterapia. Em 1999, a especialidade contava com cerca de 500 profissionais de oncologia clínica atuando no país e, em meados dos anos 2010, o número ultrapassou 3.500.

O crescimento dos casos de câncer no país, previsto por instituições de saúde como a SBOC, favoreceu a área oncológica e incentivou a entidade em termos financeiros, administrativos e estruturais, e a tornar-se ainda mais presente nas tomadas de decisões públicas sobre as políticas de saúde, aproximando a sociedade aos órgãos oficiais.

Nesse contexto de crescimento e consolidação da oncologia clínica como especialidade médica, a SBOC também se preparou para ofertar mais serviços de qualidade aos seus associados como a prestação de atendimento jurídico, acesso às principais bibliotecas nacionais e internacionais, publicação de manuais e guias de procedimentos, realização de atividades relacionadas à educação continuada e incentivos financeiros para a participação nos congressos.

Para isso, a SBOC colocou em prática uma série de melhorias em sua gestão, em busca de autonomia financeira e agilidade administrativa, instalando novas fontes de receitas e formando estruturas e equipes multidisciplinares.

Melhoria contínua na gestão

A partir de 1995, a SBOC iniciou uma nova fase em seu processo de melhoria contínua de governança e captação de recursos. A contratação de profissionais de destaque formou uma equipe de talento, com senso de pertencimento e engajada nas questões oncológicas no Brasil.

Artur Katz, presidente da entidade entre 1995 e 1997, relembrou a busca pela independência financeira da SBOC: *Pouco antes de eu assumir, a Sociedade adquiriu sua sede fixa, mas ainda assim não tinha um fluxo claro de recursos. Então, ela vivia com muita dificuldade financeira. Uma das primeiras coisas que a gente fez foi estabelecer uma estrutura previsível de receitas*.

Diversas parcerias e programas de incentivo foram feitos com instituições privadas, sobretudo junto à indústria farmacêutica. Os simpósios e congressos nacionais se tornavam cada vez mais concorridos, com recordes sucessivos de inscrições, tornando-se importante fonte de receitas para a sociedade.



Reunião do Conselho Consultivo da SBOC realizado na Regional Rio de Janeiro, em 2001.



Reunião da diretoria da SBOC realizada em Florianópolis, em 2000.

A fim de aperfeiçoar sua atuação nacional, a comunicação entre a sede da SBOC e suas diretorias regionais tornou-se cada vez mais ágil e fluente. Lucilda Cerqueira de Lima, presidente da SBOC de 1997 a 2001, recordou a aproximação da então chamada "SBOC Nacional" com suas filiadas regionais: *Os presidentes das regionais foram super atuantes nas minhas duas gestões. Tínhamos reuniões a cada três meses, quando eles apresentavam as peculiaridades e necessidades locais. Assim, sempre houve retorno e uma união nacional*.

Nos anos 2000, em um novo movimento de reformulação da SBOC, foram consolidadas quatro regionais: Minas Gerais e Rio de Janeiro, formadas em 2006, e Bahia e Nordeste, em 2011. As regionais foram constituídas como pessoas jurídicas independentes, seguindo o modelo estatutário da SBOC Nacional. Esse modelo vigorou até o ano de 2021, quando, por meio de votação dos associados na Assembleia Geral, as regionais foram internalizadas pela SBOC, reforçando o caráter democrático e representativo de sua atuação em todo o território brasileiro, como veremos.

O aumento das demandas da SBOC exigiu a reforma e a ampliação da sua sede em Belo Horizonte, finalizada em agosto de 2005, após três meses de obras. Com instalações modernas e novos equipamentos, ampliou seu quadro de funcionários e

melhorou o atendimento aos associados. Uma nova sala foi criada para abrigar eventos, que recebeu o nome do ex-presidente Sebastião Cabral Filho em homenagem a sua contribuição como um dos pioneiros da SBOC.

Roberto de Almeida Gil, presidente em 2005, homenageou-o para valorizar os fundadores da SBOC, enquanto a própria especialidade da oncologia ainda estava em formação. O presidente que obteve sua especialização em oncologia clínica pelo INCA em 1981, ano de criação da SBOC, classificou a si mesmo como fruto de uma geração entre os pioneiros da oncologia e os já formados como especialistas na área: *Eu faço parte de uma geração intermediária entre as primeiras pessoas que 'fizeram' a oncologia e o desenvolvimento dela como especialidade, que foi se fortalecendo, hoje já com vida própria*.

Em 2009, a SBOC formalizou a criação do Departamento Jurídico, área que começou a se formar no final dos anos 1990 com o aumento da demanda, tanto por parte da própria instituição, quanto dos associados da entidade, aos quais prestava atendimento gratuito. A advogada Lúcia Freitas, que participou da criação do departamento, explicou as atividades da área: *Oferecemos consultoria, preparamos pareceres, damos orientação quanto a questionamentos às operadoras de saúde e fazemos a defesa profissional dos associados no Conselho Regional de Medicina, por exemplo*.





Reuniões entre diretorias e membros da SBOC Nacional e Regionais nos anos 2000.

Publicações da SBOC

Com o aumento do número de associados, a SBOC aprimorou seus meios de comunicação para divulgação dos seus serviços. No início dos anos 1990, a sociedade tinha cerca de duas centenas de associados, e nos anos 2000 ultrapassava mil profissionais da oncologia.

O primeiro meio de comunicação próprio da entidade, o *Boletim da Oncologia*, foi criado em 1984 com o objetivo de divulgar informações institucionais e publicar artigos sobre a especialidade. Durante 8 anos foi a comunicação oficial da entidade, e em 1991, foi sucedido pela *Revista Oncológica Atual*. Em 1997, foi criado o *SBOC Jornal*, uma publicação bimestral com notícias sobre a entidade.

A primeira mulher na presidência

No final da década de 1990, o debate sobre desigualdade de gênero ainda ocupava um espaço reduzido na vida pública brasileira. Mulheres em cargos de liderança eram exceções, no entanto, a SBOC elegeu a primeira mulher a presidir a sociedade em 1997, Lucilda Cerqueira de Lima. Como oncologista e pesquisadora do Centro de Pesquisas Oncológicas de Santa Catarina (Cepon), montou um escritório na capital catarinense, onde também exercia o cargo: *Tínhamos uma boa estrutura e fazíamos muito pelos oncologistas*. Lucilda foi eleita por dois períodos consecutivos, permanecendo à frente da instituição até 2001.

Sua trajetória acompanhava a própria consolidação da oncologia clínica no Brasil. Associou-se à sociedade logo após concluir a residência médica em 1985, quando a especialidade ainda buscava reconhecimento. Mais tarde, assumiu a secretaria-geral da diretoria e a vice-presidência de ensino, construindo uma carreira marcada pela participação ativa no desenvolvimento institucional da entidade. *Quando decidi fazer oncologia, poucos escolhiam o mesmo caminho; a especialidade estava começando e ainda não era bem vista*, relembra. *Sou de uma geração de médicas que queriam estar no que havia de novo. Queríamos provar que éramos capazes de fazer tudo o que os homens faziam e vencer esse preconceito.*

Em 2004, foram lançados dois novos periódicos: a *Revista Brasileira de Oncologia Clínica*, com artigos científicos, e o *Informativo da SBOC*, com notícias internas da sociedade. Nesse período, a SBOC iniciou a coordenação e a publicação de manuais de procedimentos oncológicos com larga distribuição e aceitação em toda a classe médica brasileira, com o *Manual de Quimioterapia para o Paciente*, de 2005, o *Manual de Condutas Clínicas* e o *Manual de Diretrizes de Consenso em Oncologia Clínica*, ambos de 2007.

Título de Utilidade Pública Federal

Em 1995, a SBOC recebeu o Título de Utilidade Pública Federal por meio de um decreto assinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. O reconhecimento oficial concedido pelo Ministério da Justiça ratificava a importância dos serviços que a entidade prestava à sociedade, comprovando sua relevante atuação no desenvolvimento científico e assistencial de utilidade coletiva na oncologia. O título recebido pelo governo federal foi possível devido à maturidade da instituição, que atingiu os critérios e requisitos de governança exigidos pelo Cadastro Nacional de Entidades Sociais – CNES, como a comprovação de vínculo de dirigentes, envio regular de relatórios, balancetes e auditorias.

A honraria concedeu algumas vantagens, como acesso a recursos e isenções fiscais, deduções do Imposto de Renda pelo recebimento de doações, celebração de convênios e emendas parlamentares com o poder público, entre outras. Em contrapartida, a SBOC deveria garantir transparência em suas gestões, apresentando anualmente ao Ministério da Justiça um relatório circunstanciado dos serviços prestados à coletividade, devidamente acompanhado do demonstrativo da receita e da despesa realizada no período. O reconhecimento como entidade de Utilidade Pública Federal concedeu à SBOC um atestado de idoneidade jurídica e credibilidade institucional, atraindo financiadores e parcerias estratégicas.

A categoria de Título de Utilidade Pública Federal foi formalmente extinta pela Lei n.º 13.204 de 2015. Desde então, a sociedade manteve-se juridicamente enquadrada como uma associação civil sem fins lucrativos de caráter médico-científico.

Atuação nas políticas de saúde pública

Com a obtenção do Título de Utilidade Pública Federal, a SBOC passou a ser ainda mais atuante junto a órgãos públicos. Nos anos seguintes, apresentou diversas propostas de submissão de novos procedimentos e tratamentos às políticas públicas do SUS para o Ministério da Saúde. Também atuou na defesa da redução da carga tributária para medicamentos oncológicos junto ao Ministério da Fazenda e Congresso Nacional, conquistando a isenção do ICMS para muitas medicações, algumas chegando a serem classificadas com "imposto zero" de acordo com o Convênio ICMS 34/1996.

Até os dias atuais, esse acordo segue como o principal pilar jurídico de isenção de ICMS na oncologia, incluindo medicamentos mais modernos, que também passaram a ter direito ao benefício por isonomia constitucional. *Debatíamos com intensidade e frequência as necessidades da especialidade. As reuniões com o INCA eram mensais e com o Ministério da Saúde a cada dois ou três meses. Muitas das portarias que regem as políticas do SUS são daquele período*, declarou Lucilda Cerqueira de Lima, presidente da SBOC de 1997 a 2001.

Outro importante marco de atuação da SBOC na esfera pública foi a participação no Grupo de Trabalho do Conselho Consultivo do Instituto Nacional de Câncer (ConsInca) que resultou na criação da Política Nacional de Atenção Oncológica (PNAO) no SUS por meio da Portaria do Ministério da Saúde n.º 2.439/2005. A PNAO estruturou de forma integrada todas as ações públicas voltadas para o câncer no Brasil, cobrindo desde a prevenção até os cuidados paliativos. A SBOC também esteve presente nas atualizações deste marco legal, ocorridas em 2013 e 2017.

Em 2010, a SBOC atuou junto ao Ministério da Saúde na atualização de valores pagos pelo SUS aos hospitais, Santas Casas e centros de oncologia por procedimentos oncológicos de alta complexidade, que estavam há 12 anos sem reajuste. O custo de novos medicamentos e equipamentos tecnológicos havia aumentado devido à inflação do período. Hospitais filantrópicos e públicos acumulavam dívidas crônicas ao realizar os tratamentos causando restrições no número de vagas, pois o valor repassado não cobria as despesas básicas necessárias.

A portaria corrigiu os valores de 66 procedimentos oncológicos de alta complexidade e aumentou em até 10 vezes o valor pago para casos críticos nos quais a

Lei dos 60 dias

Em 2012 e 2013, importantes mudanças ocorreram na legislação brasileira para garantir o acesso de pacientes ao tratamento oncológico. A importante Lei n.º 12.732/2012 foi um marco no tratamento do câncer no Brasil. Conhecida como "Lei dos 60 dias", obriga o SUS a iniciar o tratamento do paciente com câncer em 60 dias após o registro do diagnóstico no prontuário.

As Leis n.º 9.797 e n.º 12.802 de 2013 garantiam direitos a portadoras de câncer de mama, assegurando a cirurgia plástica reparadora e o fornecimento de medicamentos pelo SUS. Também foi publicada a RDC 38 da Anvisa, que definiu regras importantes para o atendimento médico no país, regulamentando o acesso a medicamentos em desenvolvimento para pacientes portadores de doenças debilitantes e graves para as quais não exista medicação ou cujo tratamento disponível seja insuficiente.



Audiência pública no Senado Federal sobre a Lei dos 60 dias, com a participação do Comitê de Ética da SBOC no dia 22/05/2014.

defasagem inviabilizava o atendimento, como a cirurgia de mama e exames especializados, para se equiparar aos custos reais de mercado. Também incorporou nove novos procedimentos terapêuticos e cirúrgicos à Tabela Ambulatorial e Hospitalar do SUS.

Foi uma grande conquista da SBOC e de toda sociedade, a revisão realizada pelo Ministério da Saúde garantiu a sustentabilidade econômica do ecossistema de saúde filantrópico brasileiro. Ao cobrir os custos reais das drogas quimioterápicas e das sessões de radioterapia, a medida evitou a interrupção de tratamentos em andamento e permitiu que os hospitais modernizassem suas instalações para absorver a crescente demanda de pacientes da rede pública.

Educação e transmissão de conhecimento

Ao longo dos anos 1990, grande parte das ações educativas da SBOC para atualização de profissionais e conscientização da população se concentrou na Escola Brasileira de Oncologia Clínica (EBOC), constituída entre os anos de 1993 e 1995. Suas primeiras atividades foram a realização de cursos e programas de atualização de forma gratuita para clínicos gerais e outros profissionais de diversas instituições, principalmente com o intuito de capacitar o agente de saúde para detectar o câncer em seu estágio inicial.

Em entrevista de 1995, Sebastião Cabral, presidente da SBOC, explicou que: *a criação da escola partiu da constatação de que os médicos, de uma maneira geral, são mal preparados para aquela especialidade nos cursos de graduação das faculdades, que não têm a disciplina em seus currículos e, consequentemente, não oferecem carga horária específica. Dessa maneira, o médico recém-formado sai dos bancos universitários com pouquíssimos conhecimentos a respeito, o que vai lhe trazer incalculáveis problemas e dificuldades no dia a dia de sua vida profissional em consultórios, ambulatórios e hospitais, no atendimento de seus pacientes. Assim, só restava aos médicos os cursos de pós-graduação nos principais centros, onde eles*



Participantes do XIX Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica realizado em Foz do Iguaçu, Paraná, em 2015.

existem. E agora também os cursos de atualização da Escola Brasileira de Oncologia Clínica.

A escola tornou-se conhecida pela qualidade na produção e divulgação de materiais educativos sobre o câncer: *a fim de levar ao público informações para prevenir e detectar o câncer,* como afirmou o presidente da entidade, Fernando Medina em um evento promovido pela EBOC. Foram elaborados livretos, manuais e guias voltados ao treinamento de médicos generalistas e à conscientização da população sobre o diagnóstico precoce.

Outro projeto de destaque da escola foi o Programa de Oncologia Preventiva que incluía palestras em empresas, levando informações úteis sobre prevenção, exames regulares e detecção da doença em sua fase inicial para trabalhadores em geral.

Em 2017, a EBOC foi reformulada estruturalmente, tornando-se a Escola Brasileira de Oncologia (EBO), que passou a reunir todos os programas educacionais da SBOC em nível nacional.

A partir de 1995, a SBOC iniciou o projeto de integração das principais bibliotecas especializadas em câncer do país, buscando centralizar e democratizar o acesso ao conhecimento oncológico acadêmico, oferecendo aos seus associados o conteúdo das principais publicações e periódicos da área. Esse projeto evoluiu com a contratação de profissionais bibliotecários especializados, fazendo da sociedade uma referência na disponibilização de literatura oncológica de vanguarda.

Em 2007, criou a Biblioteca Virtual da SBOC, que disponibiliza importantes publicações nacionais e internacionais para seus associados de maneira online via site da instituição. Na Biblioteca Virtual: *os médicos e demais profissionais da oncologia clínica contam com mais de 20 revistas internacionais, como o Journal of Clinical Oncologic, Cancer Reaserch, Cancer Treatament Review, dentre outros. Há também bancos de dados, como o DynaMed, que fornece informações e especificações sobre medicamentos, como dosagem, efeito, uso e eficácia, precauções, e o Cochrane Library, que reúne artigos científicos, dentre outras fontes*, conforme divulgado pela sociedade em 2014.

Atualmente, o acervo exclusivo da Biblioteca Virtual da SBOC conta com mais de 1.800 publicações científicas internacionais, dezenas de e-books e periódicos modernos de destaque como o *JAMA Oncology*.

Rede Brasileira de Combate ao Câncer

Utilizando novas tecnologias para disseminar o conhecimento oncológico, a SBOC realizou o primeiro curso online do Brasil sobre oncologia, por meio da criação da Rede Brasileira de Combate ao Câncer (RBCC) em 2003, em parceria com a SBC. André Augusto Junior de Moraes, presidente da SBOC em 2003, relembra: *Uma das coisas que mais nos orgulhou foi a criação da primeira experiência de educação médica continuada à distância usando protocolos de internet. A SBOC foi pioneira nisso*.

A RBCC tinha como meta democratizar o conhecimento médico-científico em todo o Brasil por meio da troca de experiências entre os grandes centros de combate à doença. O conteúdo produzido pela RBCC foi veiculado na TV Web Conexão Médica, uma iniciativa pioneira de transmissão de conteúdo científico e educacional voltado para médicos e profissionais de saúde via internet e circuitos fechados de satélite. Esse canal é considerado a primeira experiência de *streaming* sobre assuntos relacionados à medicina, com programação produzida por diversas instituições de saúde, as mais respeitadas do Brasil.

Segundo divulgação da SBOC em 2003: *trata-se de uma programação de extrema qualidade científica que será transmitida para pontos de todos os estados do país, via satélite, pela TV Web Conexão Médica*. Todas as manhãs, às 11h, a RBCC apresentava uma programação exclusivamente voltada à prevenção e ao combate ao câncer, compartilhando as mais recentes e relevantes informações sobre o tratamento da doença. A rede chegou a envolver mais de 130 instituições médicas assinantes, entre elas o INCA, o Conselho Federal de Medicina e grande parte dos centros públicos de câncer nacionais, além de associações médicas e hospitais particulares em diversos estados.



Cartaz de divulgação do XIII Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica realizado em parceria com a SBC, em 2003.

Tanto a RBCC quanto a Conexão Médica são exemplos de sistemas que podem interligar diversos países, construindo uma ferramenta intercontinental de ensino médico à distância, afirmou Frederico Costa, associado da SBOC e um dos idealizadores da RBCC sobre o alcance do conteúdo transmitido pela TV Web Conexão Médica na América Latina.

A iniciativa pioneira recebeu reconhecimento internacional pela *Global Alliance for Medical Education* (GAME), evento realizado em Nova York que tem como objetivo debater as iniciativas mundiais em prol da educação continuada para médicos. O encontro, que contou com a participação de importantes entidades médicas como a *American Medical Association* (AMA), a *American Society of Clinical Oncology* (ASCO), a *Union Européenne de Médecins Specialistes* (UEMS), a *World Federation for Medical Education* (WFME) além de laboratórios farmacêuticos e universidades de vários países, reconheceu que o sistema de ensino utilizado pela RBCC era um dos mais modernos do mundo e sem igual em qualquer outro país. Esta conquista trouxe visibilidade e credibilidade para a SBOC em nível internacional.

Encontros pós-congressos da ASCO

No final dos anos 1990, a SBOC passou a promover encontros para debater novidades apresentadas nos congressos anuais da*American Society of Clinical Oncology* (ASCO). Os eventos chegavam a reunir mais de 150 pessoas e foram realizados em diferentes cidades do Brasil.



Palestrantes do VIII Encontro Pós-ASCO, realizado em Belo Horizonte, em 2014.

Cartilha dos Direitos do Paciente Oncológico

O aumento dos casos de judicialização de tratamentos oncológicos nos anos 2000 motivou a SBOC a elaborar a *Cartilha dos Direitos do Paciente Oncológico* auxiliando os pacientes com câncer na defesa de seus direitos. A publicação integra as ações de comprometimento da instituição com a melhor prática oncológica no país, integrando exercício profissional e informação ao paciente: *É importante que pacientes e familiares conheçam essas leis e que busquem o merecido apoio para lutar pela própria vida. Estaremos sempre ao seu lado*, afirmou Gustavo dos Santos Fernandes, presidente da instituição entre 2015 e 2017, na introdução da sexta edição da cartilha, de 2016.

O conhecimento de seus direitos permite ao paciente oncológico entender-se como cidadão e reflete na reafirmação da autoestima e da dignidade humana, essenciais para o exercício de uma vida plena, criativa e produtiva. O direito só se entende na sua instrumentalidade para promover a justiça social e a ética nas relações humanas, sejam individuais, sejam coletivas. Esses são os compromissos da SBOC com a edição da Cartilha dos Direitos do Paciente Oncológico, declarou Lúcia Freitas, advogada que liderou a elaboração da cartilha desde a primeira edição.

Desenvolvida pelo Departamento Jurídico no final dos anos 2000, a cartilha explicava as legislações que garantiam proteção e assistência às pessoas em tratamento apresentando um roteiro básico de direitos essenciais, formal e legalmente garantidos a pacientes especiais, dentre eles os pacientes oncológicos. *Esperamos que nossa Cartilha continue auxiliando os pacientes na luta por seus direitos*, declarou Anderson Arantes Silvestrini, presidente da SBOC na introdução da quinta edição da cartilha, de 2013.

A cartilha também continha noções de direitos especiais, modelos de requerimentos específicos, documentos exigidos por lei, normas legais aplicáveis, comentários e jurisprudências, sites e telefones úteis para orientação a pacientes e familiares. A iniciativa refletia uma compreensão cada vez mais ampla do papel da SBOC na sociedade. Combater o câncer transcendia produzir ciência, formar especialistas e influenciar políticas públicas, também significava ajudar pacientes a navegar por sistemas complexos e difíceis de compreender.

Simpósio Novos Rumos Para a Oncologia

A SBOC promoveu em 1995 o simpósio especial *Novos Rumos Para a Oncologia* realizado no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, para toda a comunidade médica. O encontro reuniu profissionais que discutiram prevenção, combate e tratamento de câncer. Participaram os especialistas Antônio Drauzio Varella, Jorge Sabbaga, Sergio Daniel Simon e Artur Katz, de São Paulo; Fernando Medina, de Campinas; Sebastião Cabral Filho, de Belo Horizonte; além de Hector Seunaz, José Carlos do Valle e Roberto de Almeida Gil, do Rio de Janeiro.

Um dos temas de vanguarda debatidos no encontro foi a apoptose, um inovador método de morte celular programada, que funciona como um "suicídio celular" altamente controlado e organizado. Diferente da necrose, em que a célula morre por lesão ou infecção e explode, gerando inflamação, na apoptose a célula se desfaz de maneira limpa, sem prejudicar o tecido ao seu redor. A tecnologia, fruto de estudos de engenharia genética, foi classificada pela imprensa da época como: *a concretização de um sonho futurista*.

Ampliação dos congressos

Impulsionados pelo avanço das descobertas científicas na área da oncologia durante a década de 1990, os congressos promovidos pela SBOC registraram um crescimento notável em termos de dimensão, infraestrutura, especialização e duração. Os encontros, anteriormente sediados em salas e auditórios de pequeno e médio porte, passaram a ser promovidos em amplos espaços, como hotéis renomados e centros de convenções de referência nacional. Devido ao grande número de participantes, agências especializadas de turismo corporativo foram contratadas para a operação logística dos eventos.

Os temas abordados nos congressos acompanhavam o ritmo dos avanços contra o câncer. Em 1991, o Hotel Sheraton do Rio de Janeiro sediou o VII Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, reunindo cientistas e profissionais de saúde para avaliar a ocorrência global de neoplasias pela primeira vez. O evento focou em mapear a incidência

de todas as formas de câncer no mundo, com dados de todos os continentes, algo inédito até então, além de mostrar e avaliar as novas tendências, conquistas da ciência e os novos tratamentos.

Durante o IX Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, sediado no Minascentro de Belo Horizonte, foram abordados temas inovadores como transplantes de medula óssea nos tumores sólidos, estudos sobre vacinas em oncologia, altas doses de quimioterapia e os tumores associados à AIDS, doença que alarmou a sociedade a as autoridades de saúde no início da década de 1990.

No XIV Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, realizado na Marina da Glória no Rio de Janeiro, em 2005, os profissionais voltaram-se para o desafio que acompanharia a especialidade por décadas: acompanhar os avanços da oncologia mundial e aplicá-los na realidade latino-americana. E, em 2009, no Centro de Convenções do Ceará, em Fortaleza, durante o XVI Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, o pioneirismo se deu nas discussões das políticas de saúde em oncologia com foco na quebra de patentes, saúde suplementar e biossimilares.

A participação de pesquisadores e profissionais internacionais nos congressos da SBOC também aumentava a cada edição do evento. Com o objetivo de promover os avanços da oncologia clínica brasileira e convidar renomados especialistas, o presidente da SBOC, Sebastião Cabral, teve a iniciativa de anunciar o lançamento do IX Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica durante o importante Congresso Mundial de Oncologia Clínica realizado em Los Angeles, nos EUA. A novidade foi publicada pela mídia em 1993: *Pela primeira vez um congresso médico brasileiro está sendo lançado e apresentado nos Estados Unidos. A iniciativa pioneira partiu da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica*.

O número de interessados em acompanhar os avanços no combate ao câncer aumentava e os congressos promovidos pela SBOC cresciam, demonstrando a importância do evento para a oncologia brasileira. Em 1993, o VIII Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, realizado no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo, contou com a presença de 420 oncologistas brasileiros. Esse número mais que duplicou em 1997, quando cerca de mil profissionais participaram do X Congresso Brasileiro de Oncologia, realizado no mesmo local.

A partir de então, os congressos somavam milhares de participantes. Em 2005, mais de dois mil profissionais participaram do XIV Congresso Brasileiro de Oncologia

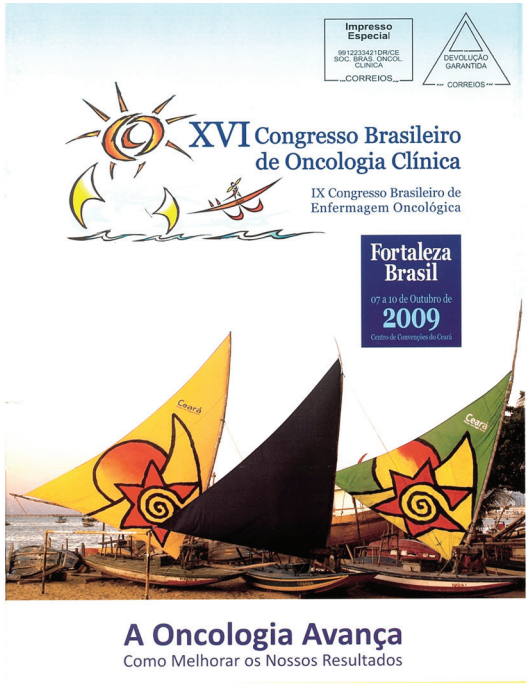






Palestrantes do Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica nas edições: 1995 (acima), 2005 (centro) e 2011 (abaixo).









Cartazes de divulgação dos Congressos Brasileiros de Oncologia Clínica: 1995, 2009, 2013 e 2015.

Clínica, e em 2007, alcançou o patamar de três mil inscritos na sua 15ª edição, novamente realizada no Minascentro. Em 2009, novo recorde de público com mais de quatro mil inscritos no XVI Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, em Fortaleza, o primeiro realizado na região Nordeste.

Diante das restrições de voos que impediam o deslocamento dos profissionais, geradas pelos ataques de 11 de setembro nos EUA em 2001, a SBOC novamente inovou e demonstrou sua agilidade para viabilizar em outubro o XII Congresso Brasileiro de Oncologia no Centro de Convenções de Florianópolis. Diante desse cenário, os organizadores prepararam uma estrutura para videoconferências, telões e equipamentos de som que permitiu a participação remota de palestrantes nacionais e internacionais, superando as barreiras geográficas por meio das tecnologias e dos meios de comunicação, que seriam amplamente utilizados no futuro para reunir pessoas ao redor do mundo.

Em 2003, no Memorial da América Latina, em São Paulo, a SBOC e a SBC organizaram um evento unindo o XIII Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica e o XVI Congresso de Cancerologia (CONCAN) com o objetivo de agregar forças no combate ao câncer e fortalecer a oncologia no Brasil: *Lançamos neste ano um acontecimento que já é histórico por sua ousadia. Trata-se do XVI CONCAN e XIII SBOC CONGRESSO, que pela primeira vez na existência de nossas Sociedade Brasileira de Cancerologia e Brasileira de Oncologia Clínica, serão realizados em conjunto. Tal conjunção advém não somente da ousadia, mas para coroar uma união fertilíssima de nossos esforços que não poderia encontrar melhor espaço para sua consolidação definitiva*, declarou André Augusto Junior de Moraes, presidente da SBOC em 2003.

Em 2005, o XIV Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, realizado no Rio de Janeiro, foi eleito o melhor evento médico do Brasil pelo Prêmio Caio, considerado o “Oscar dos eventos” que representa a maior e mais importante premiação da indústria de eventos, turismo de negócios e marketing.

Além do compartilhamento de conhecimento sobre os avanços no combate ao câncer, os congressos realizados pela SBOC contavam com aulas magnas, premiações de trabalhos científicos e festas de confraternização. Os encerramentos dos congressos passaram a contar com festas e participações de bandas e artistas populares, como Skank, Mart´nália, Pedro Luís e a Parede, Olodum, entre outros.

Divulgação de dados estatísticos

Com representação em todo o território nacional, grande número de associados e diálogo constante com outras entidades oncológicas, a SBOC construiu uma ampla base de dados sobre o câncer no Brasil. Esse cenário foi impulsionado pela política de descentralização do SUS nos anos 1990, que ampliou a oferta de equipamentos de diagnóstico em instituições de saúde regionais. Como resultado, os registros dos casos de câncer tornaram-se cada vez mais disponíveis, possibilitando a avaliação da evolução da doença no país.

Os dados compilados e analisados pela SBOC fundamentaram diversas pesquisas e projeções sobre o câncer, servindo como base para a tomada de decisões estratégicas tanto na esfera pública quanto na classe médica. A liderança da instituição no tratamento e na disponibilização dessas informações foi essencial para moldar as diretrizes sobre o futuro da oncologia no Brasil: *para poder projetar o que vai ser o câncer no ano 2000*, conforme divulgado pela sociedade na época.

Algumas das projeções levantadas pela SBOC chamavam a atenção para a urgência em melhorar a estrutura de atendimento oncológico no Brasil e influenciar na instalação de hábitos saudáveis na população. Em 1995, a SBOC divulgou que o câncer no Brasil atingia cerca de 16 milhões de pessoas por motivos evitáveis, como falta de acesso à medicina e diagnóstico precoce, e hábitos nocivos, como tabagismo e alimentação inadequada. No mesmo ano, estimou que 10% da população brasileira tinham algum tipo de câncer e listou os tipos com maior incidência no país.

Com essa expertise, a SBOC lançou o livro *Estatística na Prática Oncológica* em 1997, um manual prático e compacto com dados e orientações gerais sobre o assunto desenvolvido para instrumentalizar médicos e pesquisadores de oncologia na leitura e condução de pesquisas clínicas.

O livro teve a colaboração de renomados bioestatísticos, como José Francisco Soares, professor emérito da UFMG e um dos maiores nomes da estatística no Brasil, e Ângela Maria Garcia, ambos com vasta produção em métodos estatísticos aplicados à saúde e educação, e os médicos Eduardo Carvalho Brandão, Joria Martinho Gonçalves e Wagner Brant Moreira, que trouxeram os problemas reais do cotidiano oncológico, garantindo que os exemplos do livro refletissem a realidade dos hospitais de câncer.

Ações antitabagistas

Desde sua criação, a SBOC atua de forma contínua na divulgação de evidências científicas sobre os malefícios do tabagismo e na conscientização da população sobre os riscos do fumo. O tabagismo, desde os anos 1980, é apontado pela entidade como o principal fator de risco evitável para diversos tipos de tumores, com destaque para o câncer de pulmão.

Ao longo de sua história, vem participando ativamente de diversas campanhas antitabagistas, esclarecendo para a população a relação direta entre nicotina e outras substâncias ao surgimento de cânceres respiratórios e de boca. Além da atuação de conscientização sobre as consequências do tabagismo, a instituição também realiza o monitoramento de tendências por meio de discussões sobre os impactos de novas formas de consumo, como o uso de narguilés, vaporizadores e cigarros eletrônicos entre os jovens.

Durante o século XX, o hábito de fumar era comum e amplamente aceito pela sociedade. A Era Industrial favoreceu o advento de máquinas de fazer cigarros, estimulando sua disseminação e barateando o produto. Em 1913, o lançamento do cigarro Camel mudou o mercado com modernas campanhas publicitárias fazendo do hábito de fumar um símbolo de elegância, charme e modernidade. Os próprios médicos eram citados em campanhas publicitárias da marca: *Mais médicos fumam Camel do que qualquer outro cigarro,* dizia o slogan da campanha publicitária promovida pela marca nos anos 1940.

Nos anos seguintes, as propagandas de cigarro utilizaram a ideia de liberdade e juventude como estratégias psicológicas para atrair novos públicos. Por meio da criação do "Mito da Emancipação", o ato de fumar foi associado às conquistas sociais, à quebra de regras tradicionais e ousadia, além de representar um estilo de vida saudável e aventureiro.



Divulgação da campanha antitabagista da SBOC veiculada na TV, rádio, cinema e internet, com o jogador da seleção brasileira, Fred, em 2014, ano de Copa do Mundo no Brasil.

Entretanto, a comunidade científica já identificava a relação entre o câncer e o consumo de tabaco. As primeiras campanhas antitabagistas

no Brasil datam do final dos anos 1980, como consequência do Programa Nacional Contra o Fumo de 1979 e da 1ª Conferência Brasileira de Combate ao Tabagismo, de 1980. Em 1986, o Ministério da Saúde sistematizou ações, criando o Programa Nacional de Combate ao Fumo (PNCF), coordenado pelo INCA. No mesmo ano, a Lei n.º 7.488 instituiu o Dia Nacional de Combate ao Fumo em 29 de agosto, do qual historicamente a SBOC participa promovendo campanhas e encontros para debates e troca de informações.

Mas somente nos anos 1990 se verificou a verdadeira mudança de paradigma em relação ao ato de fumar. *Há evidências de que o modo de vida é a principal causa da doença*, declarou o presidente da SBOC em 1993, Fernando Medina. O especialista divulgava dados alarmantes, cada um dos 30 milhões de fumantes no Brasil teria onze vezes mais chances de adquirir câncer de pulmão. Aproximadamente 40% das mortes causadas pela doença entre os homens, e 20% entre as mulheres, tinham relação com o cigarro.

A ligação entre tabagismo e câncer estava clara e ia além de uma predisposição genética, os malefícios do fumo deveriam ser tratados como uma questão de saúde pública e não como uma escolha pessoal. Desta forma, em 1996, o Brasil iniciou o controle nacional sobre os produtos do tabaco e derivados por meio da Lei n.º 9.294/1996, que limitava as propagandas e exigia advertência em relação aos danos à saúde.

Nesse período, a SBOC lançou a campanha inovadora com foco em crianças e jovens, chamada Câncer Tem Cura, o Tabagismo Também, com o apoio da Asso-



Outdoor instalado no Eixo Monumental próximo ao Congresso Nacional em Brasília, dias antes da votação da CQCT, em 2005.

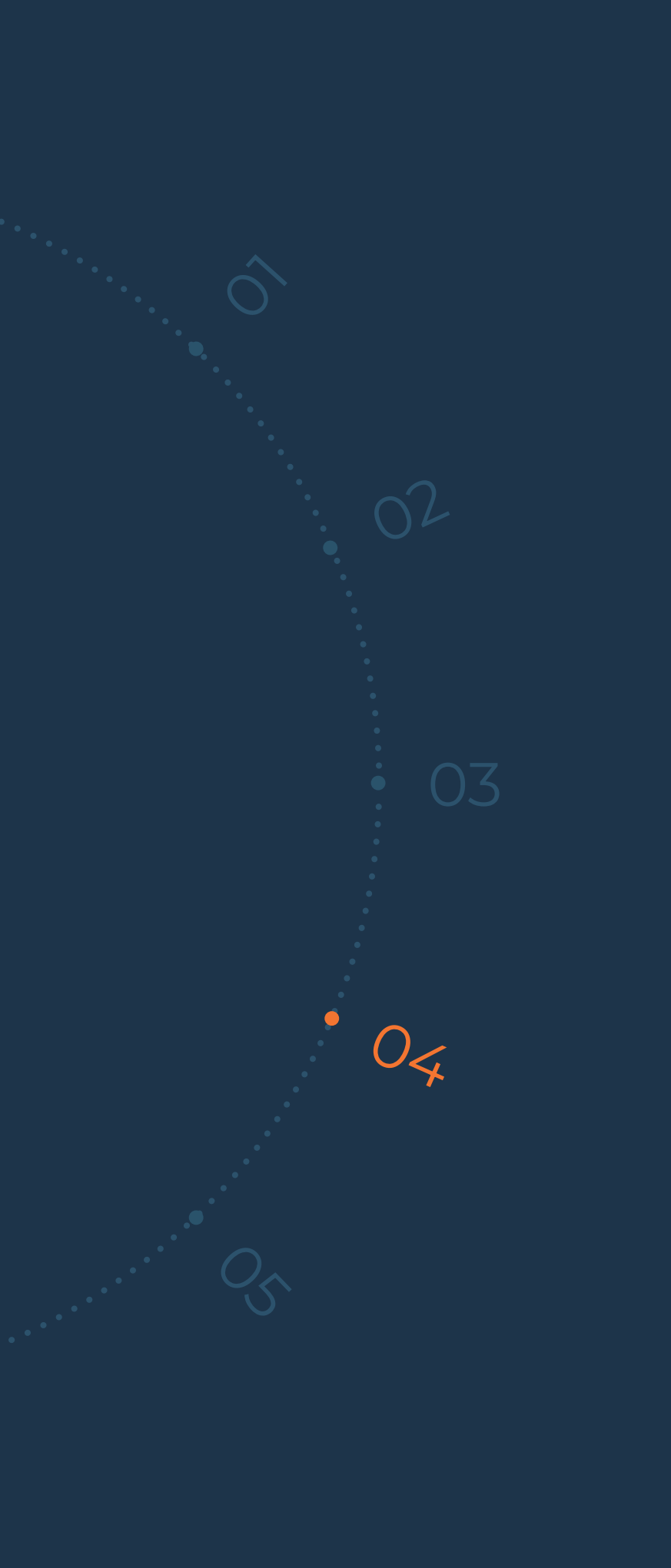
ciação Paulista de Medicina, Núcleo de Apoio ao Paciente com Câncer, União e Apoio no Combate ao Câncer de Mama, Associação Brasileira das Mulheres Médicas, Rede Tabaco Zero, entre outras entidades.

O objetivo da campanha foi conscientizar a população jovem que os usuários de tabaco possuem cerca de 50% de chances de morte provocada por seus malefícios. A iniciativa foi uma das primeiras campanhas nacionais voltadas para este público, dando início a uma mudança de rumo no consumo de tabaco entre jovens e adolescentes no Brasil.

No início dos anos 2000, a SBOC teve papel fundamental na articulação da coalizão da sociedade civil e da comunidade médica brasileira para a ratificação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT), o primeiro tratado internacional de saúde pública da Organização Mundial da Saúde (OMS). A CQCT estabelecia um conjunto de obrigações internacionais baseadas na redução da demanda de produtos derivados do tabaco e na redução da oferta de cigarros, preconizando ações direcionadas à advertência sanitária, ambientes livres de fumo, medidas fiscais e de preço, tratamento de dependência, combate ao mercado ilegal, proibição de venda a menores de idade, entre outras.

Nesse contexto, a SBOC liderou o movimento conhecido como Brasil Unido Contra o Tabaco que tinha como objetivo pressionar os senadores brasileiros a ratificarem o tratado internacional e enfrentar o lobby empresarial da indústria do tabaco no Congresso Nacional. A coalizão era composta pela AMB, CFM e sociedades de Cardiologia e Pneumologia, ONGs de defesa do consumidor, direitos humanos e ativistas de saúde pública, como a ACT Promoção da Saúde, e apoio técnico do INCA e Ministério da Saúde.

Em 28 de setembro de 2005, o tratado internacional da OMS corria o risco de perder a validade jurídica de implementação no Brasil. Desse modo, a SBOC lançou a campanha O Dia da Verdade com o intuito de pressionar os parlamentares a votarem para sua ratificação. A ação incluiu instalação de outdoors em locais estratégicos de Brasília e a publicação de manifestos na imprensa nacional, expondo a situação. A estratégia de comunicação buscava constranger publicamente os parlamentares que estavam adiando a votação. A SBOC teve papel político importante ao questionar quais forças impediam os senadores de votarem a ratificação do tratado internacional expondo as suspeitas de interferência financeira da indústria do fumo na política.


01
02
03
04
05

PLENITUDE
[2015-2026]

Filiação à AMB

Em outubro de 2017, impulsionada por sua relevância e estrutura, a SBOC filiou-se à AMB e passou a integrar o recém-criado Departamento de Oncologia Clínica, após deliberação do Conselho Científico da associação. *Foi o dia mais importante da história da SBOC*, disse o presidente da entidade, Gustavo Fernandes, após a vitória na eleição que definiu a SBOC como representante da oncologia clínica na AMB.

Como sociedade filiada à AMB, a SBOC conquistou um canal direto de articulação com órgãos fundamentais para o setor médico, como o Ministério da Saúde e a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). Assumiu a representação em pautas de oncologia clínica junto a instâncias decisórias dos setores público e privado. *É uma grande oportunidade. Estamos ávidos para dar continuidade e ampliar o trabalho que temos feito*, planejava o presidente.

A SBOC consolidou sua atuação na elaboração de diretrizes médicas e protocolos clínicos, além de contribuir diretamente para a incorporação de novas tecnologias e no avanço das políticas públicas no país. Também promoveu o fomento a programas de atualização científica e coordenou comitês de subespecialidades oncológicas. *A gente levou a Sociedade para dentro dos órgãos médicos oficiais*, declarou Gustavo Fernandes.



Sergio Simon e Clarissa Mathias assinam os primeiros Títulos de Especialista em Oncologia Clínica outorgados pela SBOC e pela AMB, em 2018, após reconhecimento da especialidade.

Em 2018, a SBOC outorgou em conjunto com a AMB o Título de Especialista em Oncologia Clínica (TEOC) que, até então, era uma titulação oferecida pela Cancerologia. A conquista foi alcançada após o reconhecimento da oncologia clínica como especialidade médica por órgãos reguladores, como o CFM, a AMB e a Comissão Nacional de Residência Médica vinculada ao Ministério da Educação. *A SBOC passou a ter o direito de titular os oncologistas clínicos, o que significa uma enorme responsabilidade na formação desses especialistas*, destacou o presidente da sociedade.

Nova sede em São Paulo

A mudança da sede da SBOC para São Paulo, onde se encontra até os dias atuais, foi formalmente aprovada em Assembleia Geral Extraordinária de 12/11/2016. A decisão ratificou a pesquisa encomendada pela Secretaria de Comunicação da instituição em 2015, que apontou São Paulo como o local ideal para a instalação do escritório administrativo nacional. Desde o início dos anos 2010, muitas reuniões de diretoria da SBOC eram realizadas em São Paulo, embora a sede ficasse em Belo Horizonte, confirmando a escolha da cidade apontada pelo estudo.

Com uma ampla rede de hospitais e centros de saúde de referência nacional e

internacional no diagnóstico e tratamento do câncer, São Paulo tornou-se o principal polo de oncologia clínica do país. Além dessas características essências para o tratamento da doença, a cidade recebe diversos eventos de oncologia durante o ano todo.

Segundo a pesquisa Demografia Médica 2018, realizada pelo CFM, Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, e Faculdade de Medicina da USP, dos 3.583 oncologistas clínicos que atuavam no Brasil, 1.037 estavam no estado de São Paulo, o que corresponde a quase um terço, sendo a maioria concentrada na capital.

Um imóvel localizado na Avenida Paulista, no Conjunto Nacional, foi adquirido com recursos próprios para receber a nova sede. O local representa uma região estratégica para a SBOC, pois, além de estar em torno de instituições de saúde, é próxima de outras entidades médicas, como a AMB e demais sociedades ligadas ao câncer e à medicina em geral. Além de possuir fácil acesso e estar próximo de aeroportos e hotéis.

O escritório de 240 m² foi inaugurado na noite de 04/08/2017, com a presença de diretores e convidados, logo após a reforma para modernizar o imóvel e adequá-lo as necessidades da instituição. Além da área dedicada às atividades administrativas, a sede possuía uma ampla sala de reunião também utilizada como espaço para eventos com até 50 pessoas, sediando encontros científicos e workshops.



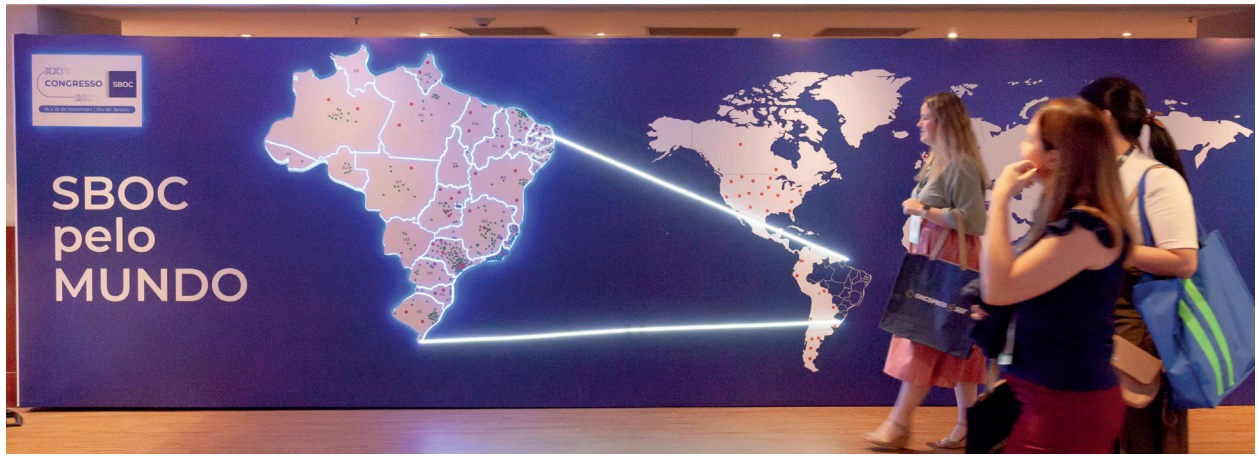
Momentos de celebração entre os associados e membros da diretoria durante o evento de inauguração da sede da SBOC em São Paulo, em 2017.

Representatividade nacional

Em 2016, a SBOC deu início à uma reforma administrativa, com a redução do número de membros da Diretoria para sete: presidente; vice-presidente; vice-presidente para ensino; primeiro diretor tesoureiro; segundo diretor tesoureiro; secretário geral e primeiro secretário geral e a criação de um Conselho Consultivo formado pelos ex-presidentes, que se tornaram membros com direito a participação nas decisões da Diretoria. Neste mesmo ano a sociedade adotou o voto eletrônico auditado, com objetivo de agilizar as eleições nas assembleias gerais, garantir sua confiabilidade e ampliar a participação dos associados.

Um novo capítulo da história da SBOC se concretizou em 2021 com a união formal das Regionais SBOC à SBOC Nacional. Até então, a entidade era dividida em quatro regionais (Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e Nordeste), com figuras jurídicas próprias que seguiam o modelo estatuário da SBOC.

A reforma criou 14 representações nacionais nas cinco regiões geopolíticas do país, com vagas de acordo com a quantidade de associados de cada localidade. A nova divisão visou atender o crescente número de profissionais em todo território nacional que solicitavam representatividade local e abertura de novas regionais.



Hall de entrada do XXIV Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica realizando no Rio de Janeiro, destacando a presença da SBOC no Brasil e no mundo, em 2023.

A mudança foi aprovada por mais de 95% dos associados em Assembleia Geral, modificando o Estatuto Social e alterando o modelo institucional das regionais, que deixaram de ser pessoas jurídicas independentes e passaram a ser representações com vínculo direto com a SBOC. Os representantes regionais são eleitos pelos seus pares e podem usufruir de toda a estrutura física, administrativa e jurídica da SBOC. O novo ordenamento da estrutura representativa estabeleceu ainda distritos com vagas exclusivas para membros de locais com alta representatividade.

Sergio Simon, à frente da gestão 2017-2019, destacou o trabalho conjunto de diferentes gestões para o desenvolvimento do novo modelo das regionais: *Este momento histórico chega como resultado de intensos diálogos entre as últimas diretorias à frente da SBOC, e o modelo abraçado pela Assembleia Geral tem em seu DNA esse que é um dos mais fortes traços da entidade: o caráter democrático e representativo de sua atuação em todo o território nacional*.

A internalização das regionais também trouxe mais agilidade na decisão de estratégias institucionais em nível nacional e diminuição de custos operacionais e procedimentos burocráticos.

Novos canais de comunicação

Na última década, a SBOC ampliou sua expertise na utilização de meios de comunicação inovadores e desenvolveu novos formatos de interação com seus associados e comunidade em geral.

Desde 2014, a SBOC mantém contas oficiais nas principais redes sociais, utilizando estas ferramentas de maneira estratégica. Em 2020 lançou o SBOC Podcast, que debate os mais variados temas relacionados à oncologia. Os arquivos ficam disponíveis na SBOC Play, plataforma de conteúdo digital multimídia focado na atualização científica, educacional e profissional da comunidade oncológica. Vídeos, conteúdos para o portal institucional e materiais educativos passaram a integrar a multiplataforma.

Também publica, desde 2017, a *Revista Oncologia & Oncologistas* direcionada aos associados com conteúdo dinâmico de reportagens, análises e posicionamentos institucionais. Com linguagem leve, aspectos visuais modernos, a revista aborda questões médicas como também o lado humano dos profissionais.

Brazilian Journal of Oncology

A SBOC em conjunto com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Oncológica (SBCO) e a Sociedade Brasileira de Radioterapia (SBRT) lançaram a revista científica *Brazilian Journal of Oncology* (BJO) em março de 2017, uma publicação online e de acesso aberto, considerado um dos principais periódicos científicos do Brasil. No lançamento, Gustavo Fernandes, presidente da SBOC, enfatizou a importância da nova publicação: *Fazendo da BJO um veículo de qualidade para divulgação do conhecimento gerado no país, pretendemos contribuir para o desenvolvimento da oncologia brasileira como um todo*.

A revista tornou-se importante fórum para o intercâmbio de inovações entre profissionais da pesquisa do câncer e da assistência ao paciente oncológico. A união das três especialidades, oncologia clínica, radioterapia e cirurgia oncológica favoreceu a submissão de artigos de cada especialidade em um único periódico mais robusto. O acesso aberto permitiu ao público pesquisar e baixar os artigos completos para fins acadêmicos. *A possibilidade de divulgação eletrônica da pesquisa é inestimável e abre um canal importante para a troca de informações na comunidade médico-científica*, relatou Gustavo Fernandes.

Além da divulgação dos avanços da oncologia no Brasil, a revista também obteve indexação em base de dados internacionais importantes, como a *PubMed*, *Directory of Open Access Journals* (DOAJ) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

Com as indexações, a revista ganhou maior visibilidade e capacidade de auxílio na construção da carreira acadêmica de pesquisadores brasileiros, além de favorecer o financiamento para pesquisas. O rigor acadêmico proporcionado pela revisão realizada por pares (*peer review*) estrangeiros fizeram do inglês o idioma oficial da publicação, para cumprir os requisitos exigidos pelas plataformas de referência mundial.

Em 2023, a Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica (SOBOPE) passou a integrar a equipe do BJO. A aliança fortaleceu o compromisso das entidades envolvidas com a promoção da pesquisa, a disseminação do conhecimento científico e o avanço no combate ao câncer no Brasil.



Reunião preparatória para a transição das gestões dos biênios 2019-2021 e 2021-2023 realizada em São Paulo, em 2021.

Ações durante a pandemia da Covid-19

Em um cenário de incertezas sobre a infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, a SBOC realizou a pesquisa clínica *ONCOVID-19.1 – Consórcio Nacional de COVID-19 em Pacientes com Câncer* com o objetivo de reconhecer potenciais fatores de risco e prognósticos da infecção causada pelo coronavírus. O estudo reuniu informações de 39 instituições de todas as regiões do país acerca do impacto do coronavírus em cada tipo de câncer durante e após o tratamento possibilitando a elaboração de estratégias, protocolos e políticas de combate à Covid-19.

A proposta de pesquisa submetida no dia 1º de abril de 2020 à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), ligada ao Ministério da Saúde, foi aprovada em menos de três dias, ressaltando a importância de estudos sobre a nova doença. Inspirada nas experiências da China e da Itália, os primeiros grandes focos da Covid-19, a iniciativa contemplou as advertências preliminares referentes ao aumento do risco de infecção grave em pacientes sob tratamento imunossupressor.

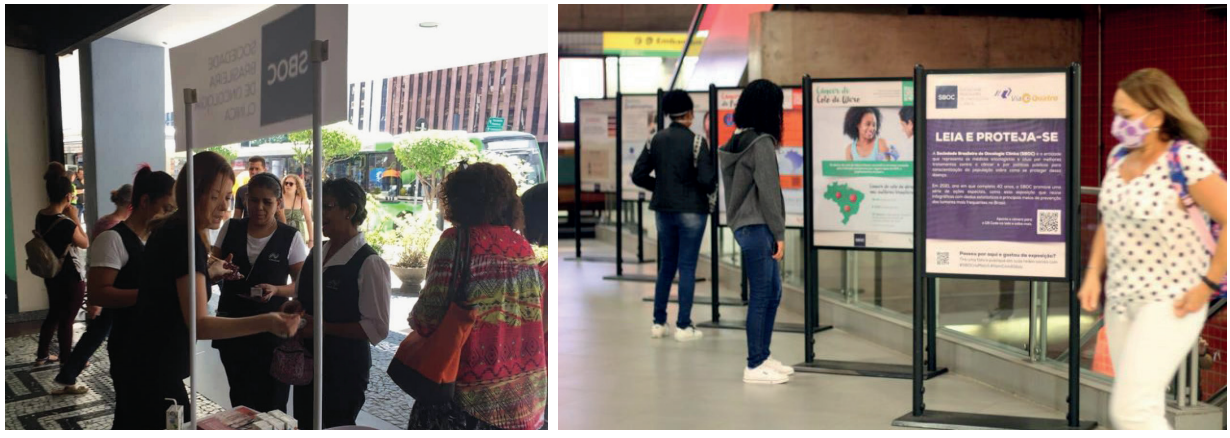
Para Clarissa Mathias, presidente da instituição durante a pandemia, a agilidade

com que o projeto foi idealizado, submetido e aprovado representou uma vitória histórica para a oncologia nacional: *Isso é reflexo do compromisso da SBOC em dar suporte ao oncologista clínico em sua prática profissional, em especial em momentos de crise como o que estamos atravessando*. A rapidez na execução da pesquisa e divulgação de seus resultados foi fundamental para garantir a continuidade do atendimento e a proteção dos pacientes em um momento de extrema incerteza.

A primeira etapa do estudo consistiu no desenvolvimento de uma plataforma de registros das informações coletadas de pacientes que estavam em tratamento ou acompanhamento oncológico com diagnóstico laboratorial positivo para Covid-19 em hospitais e clínicas brasileiros nos setores público e privado.

Em apenas um ano já são mais de mil brasileiros que a SBOC e todos os participantes do ONCOVID-19.1 ajudaram até aqui a ser mais do que números: são histórias de vida que, quando contadas, podem ampliar o conhecimento sobre os impactos da pandemia no tratamento do câncer, disse Clarissa Mathias em 2021.

O estudo, inédito no Brasil, ampliou a compreensão sobre quais tipos de câncer ou tratamento favorecem o surgimento de complicações em casos de infecção por Sars-CoV-2.



Ações de divulgação sobre prevenção do câncer realizadas em locais de grande circulação de pessoas em São Paulo: campanha #SBOCnoMêsDaMulher, na Avenida Paulista, em 2019 (à esquerda) e campanha sobre a Covid-19 na Estação Paulista do Metrô, em 2022 (à direita).

Em agosto de 2020, a SBOC lançou a campanha de conscientização pública *Contra o Câncer e Sem COVID-19* para ajudar pacientes e médicos na continuidade do tratamento oncológico durante a pandemia. A ação visava conscientizar os pacientes a não interromperem seus tratamentos por receio em contrair o coronavírus e assegurar que profissionais, clínicas e hospitais adotassem os protocolos necessários de prevenção do contágio.

Como parte da campanha, a entidade realizou uma pesquisa com 120 associados de todo o país para entender os impactos da pandemia no tratamento e nas condições de trabalho dos profissionais da oncologia. Os especialistas reportaram que 74% tiveram um ou mais pacientes que interromperam ou adiaram o tratamento por mais de um mês. As cirurgias enfrentaram restrições, 67% dos entrevistados afirmaram que tiveram dificuldades em conduzir o procedimento. Os impactos econômicos também apareceram na pesquisa, 28% dos oncologistas declararam que tiveram redução salarial. Os dados da pesquisa foram amplamente divulgados pela mídia, sendo destaque do jornal *Folha de São Paulo* em setembro de 2020.

Para auxiliar os profissionais de saúde a enfrentarem o estresse no período desafiador da Covid-19, a SBOC lançou nos meses iniciais da pandemia o Programa de Saúde Mental para Oncologistas. O programa continha conteúdo que auxiliava os profissionais a gerenciarem as dificuldades mentais e emocionais geradas pelo atendimento em meio ao risco de infecção e agravamento da condição de saúde dos seus pacientes. O conteúdo foi disponibilizado em diversas plataformas, reunindo ferramentas de auxílio à gestão do estresse, como práticas de meditação e *mindfulness* oferecido em parceria com o *DeRose Meditation*, estratégias para gestores da saúde e lideranças, além de conferências e webinars organizadas pela ASCO em parceria com a SBOC.

Desde os primeiros dias da pandemia, antes mesmo que a Organização Mundial da Saúde (OMS) fizesse a declaração oficial sobre os reais riscos do novo coronavírus, a SBOC empreendeu diversos esforços para se reinventar e, ao mesmo tempo, acolher e fortalecer a comunidade oncológica no enfrentamento da COVID-19, avaliou Clarissa Mathias.

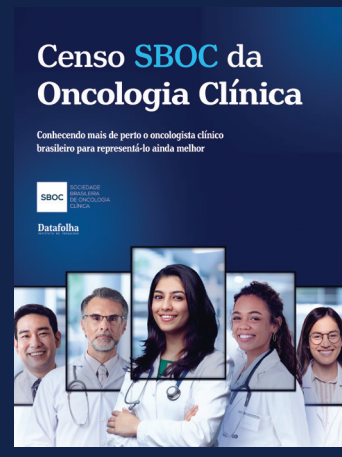
Censo SBOC da Oncologia Clínica

O perfil dos oncologistas clínicos no Brasil foi avaliado pelo primeiro *Censo SBOC da Oncologia Clínica*, feito em parceria com o Instituto Datafolha em 2023. A pesquisa contou com a participação de 761 oncologistas clínicos associados à SBOC, cerca de um quarto do total, localizados em mais de 200 municípios de todas as regiões do Brasil.

Diversas informações foram coletadas revelando o perfil dos especialistas: gênero; faixa etária; etnia; orientação sexual; formação acadêmica; titulação; perfil de pacientes atendidos; participação em pesquisas clínicas epidemiológicas ou translacionais. Também foram avaliados o nível de satisfação profissional, estresse e os principais desafios da prática oncológica no Brasil.

O censo indicou igualdade de gênero entre os oncologistas clínicos, entretanto a disparidade de cor foi relevante, 81% se consideram brancos contra apenas 16% de pardos, 2% amarelos e 1% pretos. A atuação médica se concentrou nas regiões metropolitanas com 70% do total, localizados predominantemente no Sudeste (54%), seguido do Nordeste (18%), Sul (17%), Centro-Oeste (9%) e Norte (3%). A maioria dos entrevistados se considera satisfeito com a especialidade (65%) e mais da metade se encontram estressados com a prática em oncologia (55%). A pesquisa revelou que o principal desafio dos médicos oncologistas é o acesso a novos medicamentos.

Os dados fornecidos pela pesquisa auxiliaram a SBOC em seus direcionamentos para realizar ações que atendam às necessidades específicas dos oncologistas, contribuindo para o fortalecimento da especialidade de maneira mais precisa.



Capa do Censo SBOC da Oncologia Clínica, publicado em 2023.

Aprovação de novos medicamentos e procedimentos

Em defesa do acesso de novos tratamentos à população, a SBOC participou ativamente nas decisões sobre a oncologia nas esferas públicas e reguladoras. Como representante da AMB, a instituição teve papel fundamental no processo de incorporação de novas tecnologias à saúde suplementar e pública, desde as consultas públicas até os trâmites finais de submissão. Também colaborou participando de diferentes comitês e comissões levando as melhores evidências científicas para a definição segura e transparente de políticas de acesso, como a Comissão de Atualização do Rol de Procedimentos e Eventos em Saúde Suplementar (COSAÚDE) e a Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec).

A SBOC conduziu de maneira inédita, em 2016, a submissão de dois anticorpos monoclonais à Conitec, apresentando um parecer técnico robusto que incluía uma revisão sistemática da literatura e uma avaliação de custo-efetividade. A submissão continha uma análise de impacto orçamentário considerando a realidade brasileira do SUS, além de uma estimativa do impacto orçamentário para o Ministério da Saúde para uma eventual incorporação. O trabalho também apresentou uma discussão sobre os preços praticados e eventuais descontos possíveis de serem negociados com a indústria farmacêutica, abordagem inovadora até então.

Em 2019, a SBOC tornou-se a primeira sociedade médica a submeter um volume expressivo de propostas de uma só vez, centralizando o envio de 26 novos medicamentos e procedimentos para o tratamento do câncer. As propostas submetidas à ANS continham embasamento técnico que comprovavam a relevância do pedido, além de reunir evidências clínicas e uma avaliação econômica com análise de impacto orçamentário. Naquele ano, do total de 1.137 submissões recebidas pela agência, somente 215 avançaram para a etapa seguinte, entre elas as 26 propostas da SBOC.

Em 2021, ao encerrar o ciclo bienal de avaliação, a SBOC celebrou a incorporação de 14 das 26 tecnologias e procedimentos defendidos por seus especialistas: *A SBOC acaba de assinar um grande capítulo na história da oncologia brasileira. Foi a maior contribuição de uma sociedade médica, liderando o processo com ética e transparência, que são a nossa marca. Hoje a oncologia comemora, mas não estamos satisfeitos, o rol ainda precisa mudar*, declarou Renan Clara, diretor executivo da entidade na época.

Com o objetivo de melhorar o processo de análise de medicamentos oncológicos a serem incorporados nos sistemas de saúde, a SBOC criou, em 2024, um modelo inovador denominado Índice de Priorização de Medicamentos para Incorporação no SUS e Saúde Suplementar, que se baseia em critérios técnicos de valor em saúde, evidências científicas e impacto econômico para priorizar terapias oncológicas promovendo um acesso mais equitativo e eficiente aos pacientes com câncer.

A ferramenta tem como objetivo avaliar e classificar medicamentos estratégicos por meio de uma pontuação total que varia de 1 a 18 pontos com base em seis pilares fundamentais: benefício clínico; necessidade clínica não atendida; carga da doença; alinhamento com a OMS; custo-efetividade e impacto orçamentário. O resultado gerado engloba a soma das pontuações de cada pilar classificando os medicamentos em diferentes níveis de prioridade de atuação, podendo ser utilizado como ferramenta de tomada de decisão para gestores e órgãos de avaliação de tecnologias em saúde.



Presidentes e diretores da SBOC em reunião técnica para defesa da submissão de novos medicamentos e procedimentos no rol da ANS, em 2020.



Representantes da SBOC em sessões no Congresso Nacional, nos anos 2020, participando da elaboração de políticas públicas em busca da melhor prática da oncologia no Brasil.

Programa de Capacitação em Pesquisa Clínica

Criado em 2018 em parceria com o Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon) do Hospital de Caridade de Ijuí, no interior do Rio Grande do Sul, o Programa de Pesquisa Clínica da SBOC tem por objetivo estimular a estruturação de serviços voltados à pesquisa clínica oncológica no país.

Sob a coordenação do Comitê de Pesquisa Clínica da SBOC, a iniciativa seleciona associados para realizarem um módulo teórico e mentoria online e um período de imersão em pesquisa a partir de visitas guiadas em centros de referência, onde vivenciam exemplos de como estruturar um serviço de pesquisa clínica.



Profissionais do Centro de Pesquisa Clínica em Oncologia do Hospital de Caridade de Ijuí, no Rio Grande do Sul, em 2018.

A nossa missão é trabalhar pelo acesso aos tratamentos que podem mudar a qualidade de vida de um número cada vez maior de pacientes. Isso é fruto de um trabalho colaborativo e coordenado, onde o objetivo maior é mudar o cenário da desigualdade no acesso aos tratamentos oncológicos, afirmou Angélica Nogueira, presidente da instituição em 2025, celebrando a incorporação do Trastuzumabe Entansina, novo medicamento submetido pela SBOC ao tratamento de câncer de mama considerado um avanço histórico no acesso a terapias modernas e personalizadas no país: *A incorporação dessa terapia é uma vitória para as mulheres e para o sistema público de saúde brasileiro*, completou a presidente.

Nesse mesmo ano foi criado o Comitê de Assessoramento Técnico em Oncologia ao Ministério da Saúde, formado pela SBOC e seus especialistas, que contribui com análises baseadas em evidências científicas, custo-efetividade e impacto orçamentário, garantindo que as decisões do órgão sejam sustentadas por critérios técnicos e pelo compromisso com a equidade. Umas das primeiras ações do Comitê foi o envio de ofício ao Ministério da Saúde com propostas urgentes para a reestruturação da política nacional de incorporação de tecnologias oncológicas no SUS. As medidas sugeridas incluem a expansão da capacidade produtiva estatal, parcerias público-privadas, fomento à pesquisa clínica, fortalecimento da carreira do oncologista e reformulações no financiamento e na precificação.

Comitês internos

Acompanhando o crescimento da oncologia no Brasil, a SBOC criou comitês internos reunindo especialistas de diferentes áreas, responsáveis por desenvolver projetos e ações educacionais por meio da Escola Brasileira de Oncologia e serem porta-vozes da entidade em temas específicos relacionados a cada comitê.

O crescimento dos comitês foi notável desde sua implementação. Em 2020 eram apenas 18 e atualmente a instituição conta com mais de 60 comitês especializados em diferentes áreas da oncologia. Além dos comitês relacionados a assuntos clínicos, existem também os ligados à gestão institucional e aspectos éticos, focados em temas pertinentes e de vanguarda como os comitês de Jovens Oncologistas; Lideranças Femininas; Diversidade; Defesa Profissional; Ética; Multiprofissional; Relações Institucionais; entre outros.

Diretrizes SBOC

Desde 2017, a sociedade elabora as Diretrizes SBOC com o objetivo de oferecer referência aos médicos especialistas no tratamento de pacientes oncológicos, sendo uma das principais publicações normativas no Brasil atualmente. Elaboradas com a contribuição dos associados, são guias de conduta com recomendações terapêuticas baseadas em evidências clínicas e científicas. A publicação das diretrizes parte das obrigações estatutárias da SBOC.

Atualizadas anualmente, possuem textos claros e diretos escritos em português que refletem a realidade brasileira sobre as possibilidades de tratamento do câncer em diversos casos. As publicações devem ser aplicáveis às políticas de saúde do SUS e saúde suplementar considerando o nível de evidência clínica.

As recomendações de conduta de cada diretriz são escritas por especialistas de reconhecida atuação em suas áreas e submetidas a avaliação dos associados. As versões preliminares são abertas para a contribuição e revisão e posteriormente incorporadas ao documento final quando pertinentes. Segundo o presidente em 2017, Gustavo Fernandes, *queremos que as diretrizes sejam resultado da discussão da SBOC como um todo, não somente de sua diretoria*.

As Diretrizes SBOC foram oficialmente publicadas em 2018, após uma primeira versão preliminar lançada em 2017 elaborada por oncologistas de diversas regiões do país. A primeira divulgação oficial consolidou as primeiras 19 diretrizes, e após um ano, em 2019, a publicação somava 25, e atualmente, em 2026, conta com 66 diretrizes que fornecem suporte aos médicos no tratamento de seus pacientes.



Presidentes da SBOC ao longo de sua história durante a celebração dos 40 anos da sociedade, em evento na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, em 2021.

Escola Brasileira de Oncologia e novas ações educacionais

Após o reconhecimento da oncologia como especialidade médica e a filiação a AMB, em 2017, a SBOC aprimorou suas ações educacionais. A EBOC, criada nos anos 1990, passou por uma restruturação tendo como base modelos de sociedades estrangeiras, como a ESMO na Europa, passando a reunir todas as iniciativas educacionais da entidade.

A nova estrutura denominada de Escola Brasileira de Oncologia (EBO) foi lançada no final de 2017 com o objetivo de solidificar os programas, ações e eventos educacionais da instituição e fortalecer o conhecimento técnico-científico dos profissionais da oncologia clínica no país, mantendo seus associados atualizados e com visão crítica sobre os avanços da área.

A criação do Programa de Residência em Oncologia Clínica (PROC) foi uma das ações de maior impacto da EBO. Um ano após sua criação, a SBOC lançou o primeiro programa nacional da especialidade aprovado pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) vinculado ao Ministério da Educação, com foco na padronização da formação de médicos especialistas.



Primeira edição do Hackathon Code4Cancer, iniciativa colaborativa inédita da SBOC em busca de soluções inovadoras voltadas ao rastreio e diagnóstico precoce do câncer, em 2025.



10ª edição da Gincana Nacional da Oncologia para Residentes, desafio promovido pela SBOC para disseminação de conhecimento e integração entre residentes e preceptores, realizado durante o XXVI Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, no Rio de Janeiro, em 2025.

Parte do programa incluía conhecimento específico que não era oferecido por boa parte dos programas no país, como biologia molecular, genômica tumoral e oncogenética, fundamentais para o exercício da moderna oncologia. A criação do programa reforçou o compromisso da entidade com a qualidade da assistência oncológica e o aprimoramento dos serviços de atendimento no Brasil.

Em 2025, a SBOC lançou duas novas iniciativas voltadas à educação continuada, o Fronteiras da Oncologia e *OncoAcademy*. O Fronteiras da Oncologia levou debates presenciais a diversas cidades do país, aproximando os médicos especialistas dos avanços da oncologia. Paralelamente, disponibilizou conteúdos técnicos e científicos na plataforma *OncoAcademy*, reunindo cursos, aulas, guias e bibliotecas digitais.

Parcerias com sociedades internacionais

As parcerias da SBOC com instituições internacionais visam aproximar a oncologia clínica brasileira à rede médica internacional e criar um ambiente de total acesso às inovações globais no tratamento contra o câncer.

Uma das primeiras ações de parceria com a ASCO, ocorreu em 2013, quando as duas entidades criaram o Prêmio SBOC/ASCO com: *objetivo de contribuir para a visibilidade da produção científica nacional e promover a qualidade na investigação em Oncologia*, conforme divulgação da premiação. Já em 2016, foi oficializado acordo mútuo de reciprocidade na divulgação de eventos e disponibilização de serviços e acervos, que ampliou o acesso dos associados da SBOC a programas educacionais, oportunidades de intercâmbio e inúmeras iniciativas voltadas ao desenvolvimento profissional produzidos pela ASCO.

Importante parceria com a ESMO também foi firmada em 2016 com o objetivo de promover iniciativas educacionais e científicas para os oncologistas clínicos brasileiros. Desde então a SBOC passou a nomear um representante brasileiro bianualmente na entidade européia, tornando o Brasil a porta de entrada da ESMO na América Latina. A SBOC foi a primeira sociedade latino-americana a fazer um acordo deste tipo com a instituição.



O britânico Richard Sullivan, líder do Programa de Câncer do Banco Mundial e da OMS, debateu o papel da inovação na ampliação do acesso à oncologia no Congresso SBOC 2025.

Para fortalecer o intercâmbio científico, a SBOC juntamente com outras sociedades latino-americanas promovem, desde 2024, o *ESMO Summit Latin America*, um evento educacional voltado para profissionais de oncologia na América Latina. Sua primeira edição ocorreu no Brasil e contou com mais de 400 participantes de 22 países e teve o objetivo de aproximar os oncologistas dos avanços mais significativos no tratamento do câncer apresentados nos congressos anuais da ESMO.

A *Multinational Association of Supportive Care in Cancer* (MASCC) e a SBOC mantém parceria institucional ativa elaborando materiais técnicos de rele-

vância desde 2021, como guias voltados aos cuidados de suporte e de final de vida para pacientes oncológicos.

Estabelecida em 2022, a parceria com a *Medscape*, plataforma online de divulgação de notícias médicas e perspectivas de especialistas, trouxe visibilidade aos eventos realizados no Brasil, incluindo a publicação de vídeos dos congressos promovidos pela SBOC. Com conteúdo divulgado em português, a parceria conta com uma página online e app com notícias na área da oncologia.

A estratégia de integração internacional ganhou nova dimensão em 2025, quando a SBOC participou da criação da Aliança Latino-Americana de Sociedades de Oncologia Clínica (ALAS). A iniciativa busca aproximar sociedades científicas da região para enfrentar desafios comuns relacionados à formação profissional, à pesquisa e ao controle do câncer.

Outro marco internacional relevante foi o estabelecimento da parceria com a Associação Chinesa Anticâncer (CACA, sigla em inglês), em 2026, uma das principais entidades acadêmicas da China dedicadas à prevenção, pesquisa e tratamento de câncer.



Segunda edição do ESMO Summit Latin America, organizado pela SBOC em parceria com a ESMO, em 2024, reunindo mais de 400 participantes de 22 países.



Associados da SBOC no congresso anual da ASCO de 2026, realizado em Chicago, nos EUA, considerado o principal evento de oncologia do mundo.

Novos paradigmas da oncologia clínica

Com a missão de promover um cuidado oncológico mais equitativo e sustentável no Brasil, a SBOC vem desenvolvendo diversas ações alinhadas à sua política de *Environmental, Social and Governance* (ESG) para garantir um futuro mais responsável.

No final de 2023, criou sua primeira Matriz de Materialidade adotando o conceito de dupla materialidade que buscou definir os principais temas socioambientais relevantes para sua atuação, a partir da perspectiva de seus diferentes grupos de interesse. Essa abordagem inovadora avaliou tanto o impacto externo da organização no planeta e na sociedade quanto o impacto do planeta e da entidade na sua atividade.

Desta forma, a SBOC definiu os principais temas ESG a guiar sua estratégia de ação nos próximos anos, entre eles se destacam: conflitos de interesse; ética e compliance; geração e disseminação do conhecimento científico; influência em políticas públicas; desigualdades sociais e regionais no acesso a prevenção; diagnóstico e tratamento do câncer; condições de trabalho; saúde e bem-estar e conscientização da população sobre o câncer.



Definição da Matriz de Materialidade da SBOC pela Diretoria e equipe executiva durante o Workshop ESG realizado em 2023.

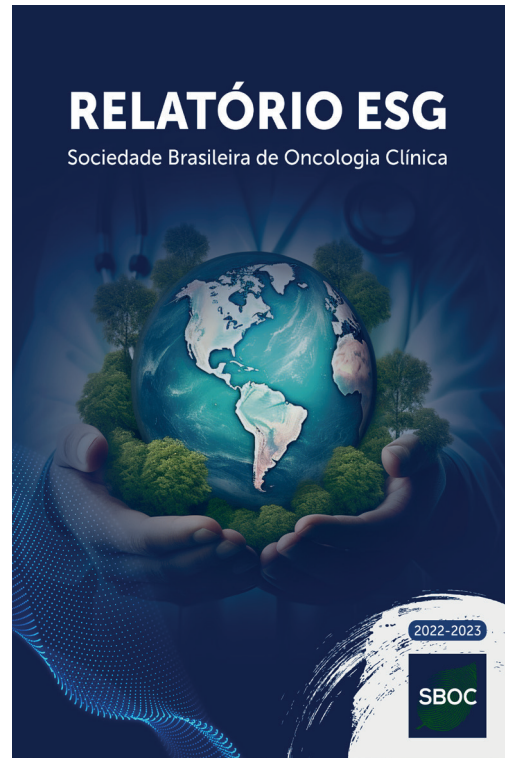


Reunião de Planejamento Estratégico da Diretoria em 2024, quando foram definidas as ações prioritárias da instituição para os próximos anos.

Com base nestes temas a governança criou meios de garantir maior transparência em suas ações, visando integridade e ética, assim como sustentabilidade financeira e gestão sustentável da cadeia de suprimentos. A diversidade racial e de gênero nos órgãos de governança e as desigualdades sociais e regionais no acesso a prevenção tornaram-se pautas centrais na SBOC.

Um marco inédito em sua história foi a eleição consecutiva de três mulheres para a presidência: Anelisa Coutinho Araújo, em 2024, Angélica Nogueira, em 2025 e Clarissa Baldotto, em 2026. Como vimos, a participação feminina à frente da gestão da instituição não foi novidade, em 1999, Lucilda Cerqueira de Lima, a primeira mulher a presidir a instituição, foi eleita duas vezes consecutivas quando o mandato ainda era de dois anos. Somente dez anos depois, em 2019, Clarissa Mathias foi eleita para presidência. As gestões mais recentes presididas por mulheres reforçam o compromisso da instituição com a diversidade de gênero nos cargos de liderança.

Desde 2021, a instituição conta com o Comitê de Lideranças Femininas que visa fortalecer, valorizar e ampliar a presença das mulheres na oncologia. A primeira tarefa do comitê foi mapear a atuação feminina na oncologia clínica em todo o território nacional, iniciando pelos associados da SBOC, com o intuito de planejar ações que diminuam a disparidade de gênero na oncologia clínica e na medicina em geral.



Capa do primeiro Relatório ESG da SBOC divulgado em 2023.

A SBOC também promove o Prêmio SBOC de Protagonismo Feminino na Oncologia desde 2021, que reconhece e valoriza trajetórias femininas de destaque na assistência aos pacientes, na pesquisa científica e na liderança médica. O prêmio também fortalece o desenvolvimento profissional das mulheres promovendo mais equidade de gênero entre oncologistas clínicos.

A criação do Comitê de Diversidade em 2023 foi fundamental para a instituição desenvolver ações voltadas à pluralidade. O grupo



Primeiro Workshop Diversidade na Oncologia realizado em 2025 que debateu a assistência oncológica a pessoas com deficiência (PcD), populações indígenas, negras e à comunidade LGBTQIAPN+. Com base neste encontro foi elaborado o Guia de Diversidade da SBOC.

lançou o Guia de Diversidade em 2025 com o objetivo de proporcionar letramento aos oncologistas sobre barreiras no acesso à saúde que enfrentam pacientes negros, indígenas, com deficiência e LGBTQIAPN+. No mesmo ano promoveu o Workshop de Diversidade para debater como as populações minoritárias enfrentam dificuldades de acesso ao tratamento do câncer, desde informações sobre a doença até os cuidados paliativos.

Estamos apresentando esse problema para a sociedade e buscando soluções, como campanhas perenes que possam causar impacto positivo e reduzir iniquidades. Sabemos que negros, indígenas, pessoas LGBTQIAPN+ e PCDs têm piores desfechos por conta dessas barreiras, afirmou o coordenador do comitê Jessé Lopes, em 2025. Para a presidente da instituição nesse ano, Angélica Nogueira: *as ações realizadas pela SBOC podem influenciar outras sociedades médicas a caminhar para um olhar crítico sobre esse tema tão relevante*.

Em 2025, a SBOC publicou o livro *A História da Mulher na Medicina* que reúne as trajetórias de mulheres que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da ciência, embora muitas vezes tenham permanecido à margem dos relatos tradi-

cionais, desde curandeiras e parteiras na antiguidade a cientistas laureadas e líderes de instituições contemporâneas: *Impossível achar que vamos inovar, se não conhecemos a história,* declarou Clarissa Baldotto, presidente da SBOC em 2026. *Que o livro inspire homens e mulheres para tornar a profissão mais plural e justa*, completou.

A cooperação institucional com o Grupo Brasileiro de Estudos em Diversidade e Inclusão na Oncologia (GBEDIO), realizada em junho de 2026, reforçou o compromisso da SBOC com uma medicina mais plural e representativa. A parceria visa a promoção da equidade, da diversidade e da inclusão para o avanço da oncologia clínica no Brasil por meio do ensino, treinamento, organização de eventos e desenvolvimento de pesquisas científicas na área da oncologia.

Ampliando o olhar e alinhado à sua política ESG, a SBOC publicou seu primeiro Relatório ESG em 2023, reportando de forma clara e transparente as principais iniciativas relacionadas ao tema conduzidas pela entidade nos anos de 2022 e 2023.

Pela primeira vez, em 2023, a instituição promoveu um congresso carbono neutro mitigando as emissões de gases de efeito estufa geradas pelo evento por meio de compensação ambiental. Para cada tonelada de carbono neutralizada foram revertidos cinco reais para a regeneração da Mata Atlântica.



O lema "Acesso e Equidade" norteou as principais discussões do XXIV Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica realizado no Rio de Janeiro, em 2023.

Anelisa Coutinho, presidente em 2024, apontou a necessidade da SBOC olhar para as questões ambientais de vanguarda: *Promover palestras e premiar clínicas e hospitais que se engajem nessa cultura. Fazer campanhas de plantio de árvores, de pró-alimento com menos agrotóxico. Isso também é favorável para a saúde e tem um link com o câncer. Pode parecer utópico, mas é tudo uma questão de estruturação e prioridade*.

A participação da SBOC na Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP30) realizada em 2025 em Belém, a convite do Ministério da Saúde, ratifica a atuação da entidade na agenda climática.

Durante o evento, a SBOC, o Ministério da Saúde e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) assinaram um memorando de entendimento entre as instituições para uma colaboração técnico-científica sobre as diretrizes e a organização da oncologia no Brasil.

As mudanças climáticas ampliam os riscos, aprofundam desigualdades e atingem de maneira mais profunda os povos originários e vulnerabilizados, reforçando a necessidade de ações voltadas a população mais afetada pela mudança do clima.

As representantes da instituição presentes no evento, Angélica Nogueira e Marisa Madi, presidente e diretora executiva da SBOC, se reuniram com lideranças indígenas e participaram de debates científicos com temas ligados a comunidade. A participação no fórum de discussão *Povos tradicionais e vulnerabilização climática: desafios para o rastreamento do câncer cervical* foi destaque no evento.

As experiências relacionadas à raça; ao sexo; à deficiência; à orientação sexual; à identidade de gênero e ao território influenciam na forma como as pessoas adoecem, acessam serviços de saúde e percorrem sua jornada de tratamento. As mudanças climáticas agravam as desigualdades sociais e ampliam a vulnerabilidade das populações marginalizadas. Assim, alinhada à vanguarda da oncologia, a SBOC integra novas perspectivas ao cuidado clínico do paciente com câncer olhando para um futuro mais sustentável, inclusivo e diverso.



Evento de transição das diretorias da SBOC durante assembleia realizada no XXII Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica, em Salvador, em 2021.



O XXVI Congresso Brasileiro de Oncologia Clínica incluiu debates sobre Protagonismo Feminino e Diversidade, realizado no Rio de Janeiro, em 2025.



Evento de lançamento do livro "A História da Mulher na Medicina", durante abertura do Congresso SBOC 2025.

1
2
3
4
5

Linha do tempo

GESTÕES



Gilberto Luis DOS Santos Salgado
1981-1983

Sebastião Cabral Filho
1983-1985





Juvenal Antunes de Oliveira Filho
1985-1987

Adalberto Broecker Neto
1987-1989





José Carlos do Valle
1989-1991

Fernando Medina da Cunha
1991-1993



Sebastião Cabral Filho
1993-1995





Artur Katz
1995-1997

Lucilda Cerqueira de Lima
1997-1999
1999-2001





André Augusto Jr. G. de Moraes
2001-2003

Roberto de Almeida Gil
2003-2005





Enaldo Melo de Lima
2005-2007

José Getulio Martins Segalla
2007-2009



Enaldo Melo de Lima
2009-2011





Anderson Arantes Silvestrini
2011-2013

Evanius Garcia Wiermann
2013-2015





Gustavo dos Santos Fernandes
2015-2017

Sergio Daniel Simon
2017-2019





Clarissa Maria de Cerqueira Mathias
2019-2021



Paulo Marcelo Gehm Hoff
2021-2022



Carlos Gil Ferreira
2023



Anelisa Coutinho Araújo
2024



Angélica Nogueira
2025



Clarissa Baldotto
2026

2026

SBOC


SBOC
SOCIEDADE
BRASILEIRA
DE ONCOLOGIA
CLÍNICA



SBOC